

**UNIJUÍ - UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO  
RIO GRANDE DO SUL**

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM  
EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS**

**LAO-TSÉ MARIA BERTOLDO**

**O ENVELHECIMENTO NO CONTEXTO ATUAL**

Ijuí (RS)

2010

**LAO-TSÉ MARIA BERTOLDO**

**O ENVELHECIMENTO NO CONTEXTO ATUAL**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação nas Ciências, Departamento de Pedagogia, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Educação nas Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Walter Frantz

Ijuí (RS)  
2010

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Aos meus familiares, que sempre acreditaram em mim e me auxiliaram no decorrer do curso e na concretização desta pesquisa, em especial a Deus, por sempre abençoar o meu caminho.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela sabedoria e pela força concedidas.

Aos meus pais, Evoli e Neli, pelo incentivo e confiança em mim depositados, especialmente naqueles momentos difíceis da caminhada, assim como o apoio e olhar amoroso nas horas difíceis e, igualmente, ao meu irmão, Nico.

À minha amada filha Gabrielli, pela compreensão e apoio incondicional ao longo de mais esta jornada e, ao meu noivo, Cristiano, pelas horas entusiasmadas de diálogo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Walter Frantz, pela orientação, pelas sábias palavras e pela disposição em compartilhar seu saber, fatores determinantes na construção desta pesquisa.

Aos professores e colegas do Mestrado, pelo convívio harmonioso, ensinamentos compartilhados, trocas de experiências, respeito, amizade e apoio, fatores essenciais para um bom aproveitamento do curso.

A todos(as) os(as) entrevistados(as) que colaboraram com a presente pesquisa, que foram essenciais para a conclusão da mesma.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo apoio financeiro, que me permitiu realizar o sonho de ser Mestre, estando entre os brasileiros privilegiados que podem aprender e, através de suas pesquisas, ajudam a mudar a realidade do país, ensinando.

A todos, de coração.

## RESUMO

Este trabalho tem como finalidade verificar as condições biopsicossociais de como a questão do envelhecimento vem sendo tratada no contexto atual, especialmente na região do Grande Santa Rosa. A temática certamente merece atenção, pois o número de pessoas idosas vem crescendo, na região, assim como no mundo inteiro. Certamente em cada local do mundo diferentes formas são eleitas para trabalhar com o crescimento populacional e as vicissitudes que estão implicadas nesse processo. A linha teórica que sustenta o trabalho é a psicanálise, mas o olhar sobre o tema perpassa a área social, biológica e antropológica. A preocupação central é perceber como a velhice é situada no contexto atual, baseada em percepções alcançadas, tanto na pesquisa de campo, mediante entrevistas realizadas no Lar dos Idosos, de Três de Maio, quanto no posicionamento teórico de alguns autores que discorrem sobre o assunto. A hipótese é de que a velhice ainda não encontra o suporte adequado em nossa região para que possa ser entendida e se desenvolver de modo que garanta qualidade de vida aos idosos. Qualidade esta que depende de fatores como acesso à educação permanente, para que o idoso se mantenha integrado à cultura em que se insere, além de opções de lazer dignificantes e estruturação de sua autonomia para que possa gerir sua vida. O trabalho busca resgatar, ao longo da história, as representações atribuídas à velhice em diferentes culturas e, também, situá-las em relação ao contexto atual. Isso porque o olhar com que a velhice é vivenciada hoje é consequência de um aparato resultante, tanto dos deslocamentos culturais ocorridos ao longo da cultura e repercutem em nosso contexto, quanto das estruturações singularmente construídas individualmente pelos sujeitos que vivenciam essa fase biológica, com suas marcas, histórias e possibilidades. Alguns dos resultados empíricos da pesquisa denotam que envelhecer ainda não é sinônimo de qualidade de vida e, por isso, muitas situações ainda precisam ser melhoradas para que os idosos tenham acesso a mais oportunidades no contexto regional.

Palavras-chave: Velhice. Contexto regional. Subjetividade. Qualidade de vida.

## **ABSTRACT**

This work has as its main goal to verify bio-psychological conditions of the way that aging process has been approached in the current days, mainly in Grande Santa Rosa region (Brazil). This topic deserves high attention due to the increasing numbers of seniors and elders in that region, as well as around the world. Of course, in each specific location around the world there may be different techniques on how to approach population growth and the facts and consequences implied in such process. The biggest concern is to perceive how aging is inserted in the current context; it is so based on perceptions that were found out both in this project's field research during interviews that took place in the Lar dos Idosos (Elder Home) of Três de Maio city, and also on theoretical opinion of renowned authors in this field. The hypothesis is that the aging process has not yet encountered the necessary support in that region for it to be understood and developed in a way to guarantee the senior's quality of life. Their quality of life would depend on the factors such as access to permanent education for the elder to keep integrated with the culture that he or she is part of; options of dignifying recreational activities; and on the structural bases of autonomy, in which the seniors can have control on their own life. This work aims to rescue the representations and symbolisms invest on aging in different cultures along our history to locate them in the current context. Considering that the overview of aging that is experienced today is a place of the cultural loose attachments occurred in our history and reflected in our context; it also has its structure uniquely by each individual in this phase (with their marks, histories, and possibilities). Some of the field research results have shown that aging is not synonymous of quality of life and that many situations still have to be improved, creating more opportunities to the elders in the regional context.

Key words: Aging. Regional context. Subjectivity. Quality of life.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	08
1. O ENVELHECIMENTO E AS INSÍGNIAS DE NOSSO CONTEXTO .....	13
1.1. Envelhecer: uma categoria social entrelaçada a um destino singular .....	15
2. O ESTRUTURAL E O SUBJETIVO NA VELHICE .....	26
2.1. Algumas considerações sobre desenvolvimento e estrutura: um corpo que envelhece .....	26
2.2. A construção subjetiva da velhice .....	32
3. AS FORMAS DE (IN)ATIVIDADE NA VELHICE .....	49
4. PESQUISA DE CAMPO NO LAR DOS IDOSOS DE TRÊS DE MAIO .....	62
4.1. Sobre a Instituição Associação Tresmaense de Amigos dos Idosos.....	63
4.2. Metodologia utilizada.....	64
4.3. Análise das intervenções.....	67
CONCLUSÃO.....	79
REFERÊNCIAS.....	82



## INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação é a velhice, ou melhor, o processo de envelhecimento, que será abordado, inicialmente, através de uma pesquisa bibliográfica. No entanto, também serão buscados dados empíricos com relação à experiência do envelhecimento, permitindo um olhar e uma análise mediante a análise de uma situação concreta. Trata-se de uma problemática que, hoje, reforça o desafio à pesquisa, sob os mais diferentes campos da ciência e seus múltiplos setores de aplicação.

O crescimento da população idosa é um fenômeno mundial e, no Brasil, as modificações se dão de forma bastante acelerada. A perceptível velocidade desse processo traz uma série de questões importantes para vários segmentos da sociedade, tanto para os gestores, quanto aos pesquisadores e a população como um todo. Essas questões referem-se a fatores relacionados à melhoria da qualidade de vida para as pessoas idosas e modificações no sistema de políticas públicas para dar conta desse crescimento, mas, principalmente, à tentativa de buscar um olhar que modifique as representações culturais relacionadas à velhice, pois, no contexto atual, destaca-se, entre outros fatores, a fragilidade, tanto social, quanto individual, em lidar com este tema.

O fenômeno do crescimento da população idosa parece acontecer em um contexto em que há uma negação do processo do envelhecimento como mais uma fase que pode ser crucial e significativa na vida do sujeito. Mais parece, para alguns, um inimigo que deve ser retardado a todo custo. O envelhecimento é, no entanto, um processo que acompanha o sujeito desde seu nascimento até à morte. Nessa concepção, o processo de envelhecimento é mais uma fase a ser construída pelo ser humano, como se propõe, este trabalho, a investigar.

A vida do ser humano impõe, desde muito cedo, certas escolhas e condições. Quando criança, tem de aprender a conhecer o mundo e nele se organizar. Quando jovem, tem a necessidade de delinear com energia um esboço do papel que representará no social e afirmar algumas escolhas que vinham se formando desde a primeira infância. Quando adulto, a possibilidade de se afirmar nas escolhas feitas e,

quando ancião, seria o momento de analisar e refletir sobre aquilo que em outra época demandou agilidade e nem sempre permitiu a reflexão. A hipótese que é levantada aqui é de que a velhice em nosso contexto tem representações muito negativas, mas pode ser um momento muito valioso e representar um diferencial na atualidade numa realidade que prioriza a agilidade e velocidade nos processos, na produção e na vida. Assim, esse tempo que outrora foi “roubado”, escorrendo por entre as mãos, pode ser capturado desde outra dimensão, que reavalie a própria existência. Neste sentido, também avaliar as possibilidades ofertadas pelo social para que isso se efetive.

Neste sentido, propõe-se analisar como, no contexto atual, está se dando o processo de envelhecimento dos sujeitos em sua fase mais característica que é a velhice, situada, conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), por volta dos 60 anos de idade, mas que, tendo em vista o foco psicanalítico, se dá psicologicamente de forma singular para cada sujeito. O surgimento do interesse pela questão do envelhecimento iniciou na graduação de Psicologia, quando foi possível analisar, baseada nos conhecimentos psicológicos, os elementos subjetivos envolvidos em tal processo. Assim, foi elaborada a monografia, que procurou contemplar as possíveis representações ideativas e simbólicas presentes na velhice dos sujeitos. No Mestrado de Educação nas Ciências, através dos seus componentes curriculares, foi possível compreender um amplo espectro de aspectos sociais e culturais presentes na questão do envelhecimento no contexto atual, principalmente em âmbito regional, razão pela qual esta dissertação aborda o fenômeno do envelhecimento mediante uma visão interdisciplinar.

A prática profissional, no trabalho desenvolvido pela prefeitura do município de Três de Maio/RS, também contribuiu para que muitas das questões efetivassem a pesquisa de campo e de modo simultâneo às reflexões teóricas. Junto à Secretaria de Assistência Social, no CREAS<sup>1</sup> (Centro de Referência Especializado de Assistência Social) um dos serviços oferecidos trata da proteção e ressignificação de traumas para idosos que porventura tiveram seus direitos violados ou estejam em

---

<sup>1</sup> Serviço de Proteção Social Especial ofertado pelo MDS- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome que propõe um conjunto de ações para sujeitos vítimas de violação de direitos, famílias e indivíduos. Tem o potencial de promover o desenvolvimento das pessoas atendidas promovendo o resgate da auto-estima e ressignificação de traumas e reinserção na vida social.

situação de vulnerabilidade. Em meio a essas reflexões, a questão que aparecia era a melancolia de muitos idosos frente a um suposto apagamento de sua condição de sujeito no social. A falta de espaços onde pudessem participar e exercitar na plenitude as possibilidades e potencialidades desta fase da vida. E inevitavelmente, nesse processo, a dificuldade que está ligada à reflexão sobre a possibilidade de condição de ser velho no contexto atual refere-se, principalmente, à resistência que tal situação provoca nas pessoas.

Baseada nessas questões, para além dos dados de que dispunha no trabalho realizado com os idosos do CREAS, também foi possível ter acesso a uma investigação empírica da realidade dos idosos da Instituição do Lar dos Idosos de Três de Maio. Esta investigação começou com a coleta de dados sobre o histórico da instituição, detalhes sobre a organização das atividades, dos espaços do lugar, nomes dos idosos institucionalizados e respectivos lugares de origem, sendo que muitos são de diferentes municípios, e, finalmente, a entrevista, composta por oito questões, objetivando obter uma visualização de como aqueles idosos estavam concebendo seu processo de envelhecimento.

Esta investigação empírica foi analisada com as leituras e demais contribuições teóricas de autores importantes à pesquisa. Essa articulação resultou em quatro capítulos que têm como objetivo uma melhor compreensão de como está se dando o processo de envelhecimento no contexto atual e, mais precisamente, regional.

No primeiro capítulo, traço um rápido panorama acerca das características gerais do envelhecimento. Estão contempladas aí as representações que a velhice foi adquirindo enquanto significação no social ao longo dos tempos, um breve histórico do envelhecer, explicitando alguns dos aspectos psicossociais nele envolvidos. No capítulo procuro, também, priorizar as características culturais do processo de envelhecimento no contexto atual, pois a cultura está implícita na constituição das representações existentes sobre a velhice, certamente tecidas juntamente com a história singular de cada sujeito.

No segundo capítulo, aparecem as questões relativas à estrutura biológica e aos efeitos possíveis do envelhecimento como um processo gradativo e inexorável. Existem muitos elementos presentes, de modo geral, em se tratando de envelhecimento, os quais variam de acordo com o estilo de vida e algumas escolhas que foram eleitas ao longo do percurso de cada um. Entretanto, vale registrar que a maior parte dessas características são invariáveis, posto que dizem respeito à passagem dos anos a que todos os seres vivos são submetidos. Para além da estrutura biológica, que corresponde de forma mais geral à corporeidade e capacidades funcionais, existe uma subjetividade que se coloca, um inconsciente que se impõe. A subjetividade, por sua vez, é única e de cada um. Na velhice, certos acontecimentos têm impactos diferenciados, oferecendo àquele que envelhece outro “olhar” sobre as mais diversas e diferentes situações.

No terceiro capítulo, problematizo a questão do sujeito que envelhece com as propostas que são oferecidas socialmente em nosso contexto atual. Inicia-se com a explicitação da trajetória percorrida pela noção de tempo, que se torna importante e adquire características diferentes das habituais, podendo isso refletir na vida dos sujeitos no que toca também ao envelhecimento. A importância da educação para essa faixa de idade é salientada como uma das formas de o idoso (re) articular-se na cultura em que vive. Aborda também a respeito das atividades que o sujeito em envelhecimento se dispõe a procurar e desempenhar e as ofertadas como forma de utilidade pública e facilidade para a organização desta demanda. Ademais, contempla a importância que, em nosso contexto, foi tomando a questão da produtividade, sendo que os sujeitos são desde muito cedo estimulados quase que prioritariamente a serem produtivos no social, sem que ninguém se encarregue de prepará-los para adequarem-se nesse social produtivo depois de alguma idade, na velhice, que contém certas especificidades.

No quarto capítulo, é dada prioridade à pesquisa de campo, principalmente mediante um processo de observação e entrevistas com cinco pessoas, na faixa etária dos 60 aos 85 anos de idade, moradoras do Lar dos Idosos do município de Três de Maio, situado na região Noroeste do Rio Grande do Sul, Brasil. Embora não se trate de uma pesquisa quantitativa, os entrevistados podem ser tomados com certa representatividade, revelando um olhar acerca do envelhecimento na região,

pois a instituição onde foi realizada a pesquisa recebe idosos da região do “Grande Santa Rosa”.

Os idosos entrevistados representam diferentes cidades e, por esse viés, oferecem certa representatividade regional sobre como o envelhecimento está se dando no contexto regional. Os entrevistados foram escolhidos por representarem cronologicamente o início da fase da velhice, por volta dos sessenta, como também certas décadas adentradas no que seria a velhice propriamente dita, por volta dos oitenta. A entrevista semiestruturada ofereceu aos sujeitos, além da possibilidade de responder às questões elaboradas, também participar e discorrer acerca de outras questões que pudesse achar relevante ao tema. A maior dificuldade que surgiu no processo de entrevista foi fazer com que os sujeitos se reconhecessem nesta fase e falar acerca disso. Recorrer às memórias fazia-se mais fácil do que falar do momento presente. Os conteúdos que surgem nas entrevistas são refletidos posteriormente, nos capítulos que compõem este trabalho.

O trabalho procura de forma, mais abrangente, trazer alguns elementos do contexto (Região do Grande Santa Rosa), para auxiliar na compreensão do fenômeno do envelhecimento na atualidade, bem como problematizar que possibilidades de saúde, entretenimento, acesso às inovações tecnológicas e processos educacionais têm os sujeitos que envelhecem nesse contexto. De que forma sua experiência de vida, visão diferenciada adquirida pelo passar dos anos e a vivência de muitas situações podem contribuir para enriquecer a sociedade da qual fazem parte.

Desta forma, foi possível para mim, como pesquisadora e também psicóloga, ter mais acesso à realidade dos idosos e, além da pesquisa de campo, ter acesso de forma mais profunda às situações cotidianas, através do CREAS, pelas quais os idosos passam e se encontram. Isso inclui, naturalmente, um contexto que diz da convivência familiar, dos laços que se constituem e/ou da fragilidade desses laços com a comunidade, as possibilidades ou não desse idoso ter autonomia e qualidade de vida.

## 1. O ENVELHECIMENTO E AS INSÍGNIAS DE NOSSO CONTEXTO

O envelhecimento hoje é uma grande questão que mobiliza a todos. No cenário atual, as estimativas publicadas em grande escala mostram a pertinência da questão para os indivíduos isoladamente e para o social. As estatísticas demonstram que os sujeitos estão vivendo muito mais do que em outras épocas. Vários fatores estão influenciando para que esse aumento do número de pessoas idosas aconteça.

Minayo (2004) ressalta que a diminuição das taxas de fecundidade e dos números de mortalidade, aliados a outros fatores, como melhoria nas condições sanitárias e de vida da população, permite às pessoas viver mais. Os progressos na medicina, nos medicamentos, bem como os avanços tecnológicos que possibilitam o rápido diagnóstico e intervenções no tratamento das doenças também têm grande responsabilidade no fenômeno da longevidade, que marca o contexto em que vivemos.

Mucida (2004) ressalta a ideia de que o processo de envelhecimento nos acompanha a vida inteira e exige de cada sujeito alterações gradativas no estilo de viver cotidiano para garantir qualidade de vida. A velhice é um momento específico dentro desse processo, marcado pela acentuação na redução e nas modificações do funcionamento de diversas funções; modificações celulares, sem representar, no entanto, um acúmulo de doenças. O processo de envelhecimento é, portanto, um acontecimento maior, no qual estão englobadas as representações de vida adquiridas desde o nascimento.

Varella (2003) afirma que o processo de envelhecimento inicia-se no momento em que nascemos e intensifica-se; é o amadurecimento das funções, para posterior declínio e fim. Neste ínterim, muitas são as situações, emoções e registros que se produzem. Segundo o autor, a longevidade tem de ser distinguida, pois se refere conceitualmente à passagem dos anos e propriamente dita, e por isso situar-se-ia por volta dos 110 anos. Entretanto, o conceito de longevidade é comumente utilizado para referir-se à duração do tempo que se passa na vida. Mas preocupa

pensar que o ganho em termos de aumento de anos de vida possa não estar relacionado nem ser proporcional ao aumento da qualidade de vida dos sujeitos.

Por qualidade de vida podemos entender um conjunto de realizações que o sujeito consegue obter ao longo de sua existência, que trará paz e tranquilidade. Skinner e Vaughan (1985) relacionam o bem-estar na terceira idade com o fato principal de aceitação das especificidades características da velhice, as quais não contemplam apenas as que comumente adquirem uma conotação negativa (como a gradativa diminuição das funções corporais, a lentidão de alguns processos corporais e psicológicos), mas também aquelas que dizem respeito às diferenças de “olhar” sobre as situações da vida. Assim, um jovem, em função das situações pelas quais passou em sua vida, não terá o mesmo julgamento das situações que um sujeito que tem mais ideias e representações a relacionar com tal experiência.

Skinner e Vaughan (1985) afirmam que um bom tempo para se pensar sobre a velhice é na juventude, pois desta forma seria possível preparar-se melhor para ela e, mais, adquirir condições de viver bem esse período quando ele chegasse. Mas isso raramente acontece, pois, em virtude de muitas limitações e dificuldades associadas a ela, não se torna atraente conhecê-la nessa época, posto que os ideais correspondentes à juventude, em nossa cultura atual, representam uma gama quase ilimitada de possibilidades atraentes e aparentemente não substituíveis.

Entretanto, alguns autores defendem que o momento principal para pensar na velhice é quando se envelhece de fato, fase que chama a atenção pelo caráter de surpresa em que, na maioria das vezes, captura o sujeito. O caráter de surpresa se dá principalmente em virtude de ao envelhecimento, durante a vida inteira, não ter sido dada a devida atenção por parte do sujeito. Beauvoir (1986) escreve sobre como os sujeitos, em sua maioria, não conseguem, sozinhos, enxergarem-se envelhecendo, pois o velho seria sempre o outro: velhice pode ser acompanhada nas feições, marcas e cabelos brancos daqueles que nos rodeiam, mas a nossa própria velhice seria objeto de negação por parte dos sujeitos.

Na opinião de Neri e Cachioni (1999), as questões ligadas ao envelhecimento populacional, em vários países do mundo, assumem muita relevância no panorama

atual. Isso se dá porque as consequências sociais do aumento da população idosa são muito importantes. O movimento necessário para suprir as necessidades específicas desse público é relativamente novo e em vias de formulação, sendo que a possibilidade concreta de viver muitos anos é bem atual. Além das questões de saúde, previdência e outras, os idosos também reivindicam um espaço mais simpático no social que, muitas vezes, nega e deprecia a velhice.

Essa fase, porém, ao passo que faz parte, em potencial, da vida de todos os seres humanos, também desencadeia, por outro lado, muitas questões e, por vezes, preconceitos. O artigo 8º do Estatuto do Idoso (2003) assegura que: “Envelhecer é um direito personalíssimo e sua proteção um direito social”. A atenção dada à questão do envelhecimento é, portanto, legítima e, além de assegurada em lei, humana, pois se trata de uma condição que diz da possibilidade de os sujeitos conseguirem prolongar sua existência.

### **1.1 Envelhecer: uma categoria social entrelaçada a um destino singular**

Mucida (2004) afirma que a velhice é uma categoria social. Assim, o tratamento dado ao sujeito que envelhece, por ser mais ou menos valorizado, diz de uma articulação da cultura em que o idoso está inserido e de um destino singular, traçado a partir de suas experiências e dos diferentes significados que foram a elas sendo dados. Neste sentido, é interessante observar, para além das vicissitudes de cada destino singular, a maneira como tem se organizado o contexto social no qual estamos hoje inseridos, para entendermos que papel a velhice tem exercido nesse panorama.

Beauvoir (1986) ressalta a existência de consequências do envelhecimento populacional, decorrentes dessa maior longevidade. Esse fenômeno faria suscitar questionamentos acerca de como organizar-se enquanto sociedade para essa nova demanda, posto que se prevê mundialmente, para as próximas décadas, um processo de envelhecimento ainda mais significativo: um quadro onde também aparece uma diminuição acelerada das taxas de natalidade dos últimos anos, na maioria dos países. Isso torna visível a ideia de que a população que está envelhecendo aumenta gradativamente, trazendo a preocupação sobre que efeitos



esse fato trará à medida que a organização proposta no social parece ir num sentido oposto aos significantes trazidos pela velhice. Tem se destacado o fato de que, no contexto atual, características atribuídas à juventude têm mais valor e, conseqüentemente, trazem mais satisfação à vida do sujeito do que os adquiridos com a maturidade. Adquiridos realmente, no sentido de algo que foi construído ao longo da história desse sujeito que envelhece.

A autora também esclarece que o envelhecimento geral da população não significa que o limite de vida tenha se estendido, mas sim que a proporção das pessoas idosas se torna muito mais significativa. E, ainda, que esse processo de envelhecimento das populações pode ser observado em quase todos os países ocidentais, gerando uma inquietação acerca das políticas administrativas. Isso porque, antes, o papel que o sujeito desempenhava na sociedade, através de sua profissão, coincidia com a sua existência, o que, na organização de trabalho de hoje, não acontece, pois, na maioria das vezes, o idoso está à margem das atividades que regem o social. Segundo Beauvoir (1986, p. 273):

O envelhecimento da população suscita uma nova questão, não somente as pessoas idosas são muito mais numerosas que outrora, como também não se integram mais espontaneamente à sociedade. A velhice tornou-se objeto de uma política.

O envelhecimento que, antes, poderia ser considerado um privilégio de poucos, hoje passa a ser lugar comum, mesmo nos países mais pobres. Entretanto, existem fatores paradoxais nessa conquista. Ao mesmo tempo em que envelhecer refere-se a uma ideia de prolongamento da vida, o ideal que se tem, na contemporaneidade, regendo as representações fálicas no social, é o de prolongamento de características que dizem de um adolescer. Assim, o idoso tem como dilema a falta de representações sociais que digam de um lugar que lhe permita a operação da função simbólica que a ele era atribuída em outro momento.

Segundo Beauvoir (1986), nas sociedades tradicionais a velhice tinha um lugar geralmente positivo: os velhos possuíam representações de respeito, de

sabedoria; suas produções e histórias, fazeres e dizeres davam significados e sentidos à vida. Assim, a velhice podia ser vista como um momento positivo, onde a memória daquilo que se viveu poderia ser considerada uma riqueza, um legado experiencial para aqueles que estão chegando, crescendo, como que um 'costuramento' simbólico entre as gerações, dando a possibilidade de significação e ressignificação de elementos, tecendo uma rede de representações que diz da história dos sujeitos.

Represas (2006) salienta que, na antiguidade, na cultura greco-romana, os idosos tinham um lugar social de personificação da tradição: eram eles os portadores de sabedoria. As experiências adquiridas na vida eram, portanto, o modo mais legítimo de aprendizagem: a vida ensinava por si. Assim, naturalmente, os mais velhos seriam, conseqüentemente, os detentores do saber mais aprofundado. A palavra vinda de um ancião era muito mais valorizada, pois tinham de contar e ensinar às novas gerações o que aprenderam, bem como repassar a tradição, onde muitas vezes nenhuma atitude poderia ser tomada sem seu consentimento. Os processos que regiam o social eram orientados pela tradição e por referências mais estáveis que em nosso contexto atual.

Hoje, não se conta mais com referências fixas. Isso leva a pensar na necessidade de reinventar outros referenciais com que organizem os laços, dando um novo lugar social aos idosos. Afinal, hoje eles não são mais 'tão' investidos na posição de sujeitos que, por trazerem consigo uma trajetória de vida maior, teriam um saber a oferecer. Não se espera mais crescer para se ter acesso ao saber dos adultos, ou da velhice, de maneira a convidar o outro a compartilhar essa experiência. Logo, quando essas referências que organizam o social eram mais estáveis e, de certa forma, tradicionais, conferiam ao sujeito uma história, um nome ao longo de sua vida, ou seja, um nobre lugar à medida que este fosse envelhecendo. Suas marcas e cicatrizes, significantes da velhice, eram signos que falavam da história daquele sujeito e, inclusive, ostentadas, por vezes, com orgulho, sinalizando que ali havia um significativo saber sobre algo que fora se acumulando ao longo de sua existência.

Beavouir (1986) exemplifica que, na China antiga, por exemplo, a velhice era muito valorizada, pois era mais comum se dar valor à experiência e sabedoria do que à força. A velhice podia ser considerada uma virtude em si mesma; a vida sob a forma mais suprema. Já na Grécia antiga, a velhice aparece sob dois ângulos: por um lado, na mitologia, os deuses, à medida que envelheciam, tornavam-se mais cruéis e perversos; por outro, os anos de vida a mais conferiam aos sujeitos honra e sabedoria, bem como mais direito à participação na vida social.

Ainda no campo literário, sob a forma de versos e prosa, aparece o horror, ligado à castração que a velhice denuncia. A perda de poder, da força física, bem como mudança da imagem, é associada à concepção negativa do envelhecer. Mas, de forma geral, a velhice ainda aparece bastante ligada à honra, como se envelhecer fosse um direito que abrisse margem a privilégios no social.

Segundo Mucida (2004), do século XII até o século XV, a velhice estaria bastante associada à decadência, sendo descrita como uma fase de apagamento do desejo, emergência de doenças e reduções nas funções fisiológicas, tratadas como perdas irreparáveis. Já na Renascença, pelo século XVI, aparecem alguns escritos nos quais a velhice é tratada com mais otimismo, surgindo até como ideia de velhice como um modelo, na qual a sobriedade, fruto de uma vida regrada, possibilitaria ao sujeito uma bela velhice. Entretanto, para se contrapor a isso, são muito fortes as ideias referentes à estética, onde corpos belos e jovens são supervalorizados, enquanto os corpos envelhecidos são ridicularizados e lhes parece interdita a possibilidade de carinho e sexualidade. Indiretamente, isso aparece já como um reflexo do lugar de velhice ideal da época: primando por condutas regradas e sóbrias, sem que algo da sexualidade possa emergir para destoar dessa aura de candura e santidade que parece dar um lugar ascético para o velho.

Ao longo da história, a velhice vai sendo investida de diferentes representações: horror e decadência, ligados a uma ideia de decrepitude do corpo, desaparecimento da condição desejante e aproximação do fim da existência, bem como no seu oposto, na representação do sagrado e honroso, referidos a um acúmulo de saber e virtudes adquiridos com a maturidade. Pode-se pensar que algumas dessas ideias são atribuídas a um luto sofrido e interminável pelo que se

está a continuamente perder, ou pela ideia de que as experiências e o caráter sagrado da sabedoria e longevidade fazem valer a pena às mudanças que se dão a ver no corpo.

Quanto mais ligadas ao corpo forem as representações que sustentam o social, mais difícil será para aquele que envelhece encontrar um lugar de legitimidade do seu desejo, capaz de lhe permitir simbolizar o seu envelhecimento, sem necessariamente sofrer com esse processo. Esse corpo, que é engrenagem no contexto social como instrumento de identidade, estética e ferramenta de trabalho, sofre as alterações específicas do processo de envelhecimento. Assim, ao longo da vida, as formas de laço que não contemplam unicamente a questão física se fazem necessários e servem de suporte para o sujeito, quando algo do corpo começa a falhar. É nesse contexto que as representações, construídas conjuntamente com o outro, o semelhante, desempenham a função de construir uma identidade na velhice.

Bosi (1994) sugere que a identidade construída no social tem um papel de suma importância para o sujeito. São as representações construídas com os outros que servirão de âncora no momento em que se fizer necessário um resgate do eu. Assim, sentir-se pertencente a algo ou alguém assegura que existe um desejo, a presença de que algo permanece de si para o outro. A família parece ocupar um lugar importante neste momento, não apenas enquanto pessoas com relações consanguíneas, mas, principalmente, que têm, em comum, histórias e representações que compõem sua identidade, um reflexo de seu eu.

Entretanto, Mucida (2004) esclarece que, para além das construções que são individuais, em cada época e cultura são construídas representações sociais distintas acerca da velhice. Essa categoria social nada diz de forma determinante acerca de cada sujeito. Dizer que uma pessoa tem 60, 70 ou 80 anos pode nos dar indicações de alguns aspectos relativos às questões culturais de forma generalizada, mas não nos dá a ideia exata de como cada indivíduo está subjetivamente situando-se nesse processo. Se o registro social, baseado na referência da OMS (Organização Mundial da Saúde), assinala que a velhice chega a partir do 60/65 anos de idade (o que comumente coincide com a aposentadoria),

será que isso dá garantias de que o sujeito esteja, necessariamente, na fase denominada de velhice?

Para Messy (1999), essa determinação não poderia vir a partir do registro do social meramente, mas sim da vivência singular do sujeito, mesclada àquilo que é do social. Para o autor, pode ser possível, para um sujeito, chegar aos 90 anos sem ter passado pela velhice. Neste sentido, determinar estar velho ou não, a partir de uma determinada idade, é muito 'escorregadio'. Para melhor ilustrar, em algumas categorias esportivas fala-se em velhice aos 30 anos, por exemplo.

O envelhecimento, para Shalomi (1996), está passando por profundas reformulações em termos culturais, pois só depois de a psicologia tornar-se uma ciência e passar a investigar as potencialidades humanas o ser humano passa a ser investigado e valorizado socialmente enquanto um campo de possibilidades de ampliação de suas expectativas. A psicologia humanista, por exemplo, que trouxe uma visão de ser humano como potencial ampliado, oferece uma visão cultural do envelhecimento como possibilidade de amadurecimento com as experiências adquiridas na vida capaz de oferecer à sociedade uma visão de vida mais consciente. Esse autor também ressalta que há uma tendência a desanimar na fase da velhice. Perdem-se certos ideais, alguns códigos e regras sociais também ficariam fragilizados, podendo levar o sujeito a, por vezes, perder o sentido da vida. Mas, para Shalomi (1996), vale ressaltar, a velhice tem de ser encarada socialmente como mais uma fase da vida, mais uma possibilidade de aperfeiçoamento pessoal, e, neste sentido, os que envelhecem teriam a responsabilidade para como o social de, através da sua experiência de vida, manter um maior equilíbrio e bem-estar entre os mais jovens.

Essa diferente concepção de responsabilidade e cuidado em relação à vida e aos mais jovens teria maiores possibilidades de efetivar-se se o sujeito conseguisse, ao longo da sua vida, aprender com as experiências e ir-se preparando para essa fase. Entretanto, há um limitador que impede, principalmente em nossa cultura ocidental, a aceitação do envelhecimento: é a questão da finitude, da mortalidade. Falar do envelhecimento remete, de uma forma ou outra, à mortalidade, em contraposição à imortalidade, ideia que captura o homem desde os tempos mais

remotos e, muitas vezes, na perspectiva de finitude que remete ao fim da vida, etapa final da velhice, vê seus ideais frustrados. O fim da vida, por sua vez, sempre foi tema inquietante e estranho, representativo de uma perda. Para melhor conviver com a ideia de finitude da vida, os homens criaram inúmeras explicações ao longo da história da humanidade.

A dicotomia mortalidade/imortalidade, por exemplo, é um dos pilares de várias culturas ao longo da história, desde sumérios, arcádios, hebraicos, e está presente na própria mitologia cristã. Os egípcios, por sua vez, acreditavam numa vida, no outro mundo, em tudo semelhante ao nosso, onde todos conhecem a mesma existência. A busca pela vida eterna está exposta na obsessão com a procura da pedra filosofal, algo que possibilitasse a continuidade da existência e adiasse o inevitável fim. Muito se avançou na tentativa de eliminar a mortalidade humana e, conseqüentemente, retardar o maior tempo possível o envelhecimento, que tem como fim inevitável a morte. Ou seja, a temida ideia de mortalidade está implicitamente ligada à questão do envelhecer. E assim, ao invés de refletida, a ideia de envelhecer parece ser combatida, desde os primórdios, tanto em termos de filosofias, quanto em termos de avanços bioquímicos de cada época.

A morte, por sua vez, é uma consequência inevitável para o ser humano. Do latim, *mortem*, significa cessação da vida. Tanto a palavra, quanto o conceito, porém, causam horror, pois não são aceitos nem trabalhados durante o transcorrer da vida do sujeito como algo natural, ao menos na cultura ocidental. Segundo Ariès (1977), na antiguidade o conceito de morte fazia parte das discussões filosóficas, sendo que até mesmo Sócrates dizia ser a filosofia uma preparação para a morte. Nas sociedades tribais, a morte não era uma preocupação individual, ou seja, algo a ser refletido pelo sujeito, pois este teria um valor muito diminuído em relação à coletividade, de modo que o grupo decidia quais eram as preocupações e os valores importantes. Dependendo das variações na concepção de morte dos grupos, geralmente a angústia era diminuída, pois havia uma continuidade existencial no mundo dos mortos, e a comunicação com o mundo dos vivos poderia ocorrer. Já na Idade Média, o conceito de morte foi influenciado pela religião, levando os sujeitos a aceitarem-na como inevitável. Os ritos ligados à morte, como o enterro e o luto,

deveriam ser respeitados. A postura do sujeito em relação à morte caracterizava-se por uma espera passiva.

Na Modernidade, a partir da Revolução Industrial, a morte aparece como um empecilho às ideias de mercado e à lógica do consumismo, sendo, assim, evitada e proibida, pois o não pensar sobre a morte também evitava outras reflexões importantes, relacionadas a temas introspectivos – e outras formas de relacionar-se com os outros foram afetados. Se antes existia um temor dos deuses e uma obediência às leis, bem como uma sensação de dever para com as tradições, muitas vezes projetadas nos idosos, na Modernidade isso se fragmenta e se rompe, acabando por delegar os cuidados dos velhos e doentes às instituições, pois aí opera a lógica da individualidade.

Para Bauman (2004), a Modernidade provocou um abalo muito grande em antigos pilares da cultura tradicional, onde significados, como solidariedade, laços familiares, sentimentos de pertença a um lugar, uma nação, e até mesmo a relação de amor, foram desestabilizados. A identidade dos sujeitos fica, portanto, desde seu início, fragilizada e, em partes, fragmentada, pois a pressão que advém do social, em suas vastas e, por vezes, insaciáveis demandas, é que designa o bom e o ruim, o que deve ou não ser buscado.

A cultura da eterna juventude é uma característica que surge também na Modernidade, e mais: se afirma na violência, que exclui o velho como não desejável. Minayo (2004), nesta direção, relaciona três das principais formas de violências cometidas contra os idosos: a violência institucional, a violência interpessoal e a violência estrutural. A estrutural é descrita pelo autor com a forma própria de organização do social, definindo-se pela desigualdade social e as contradições, principalmente, ligadas às formas de produção. Essa violência, segundo a autora, sofre uma tendência à naturalização, instituindo como normalidade formas diversas de discriminação, pobreza e exclusão.

A violência institucional se reflete em nosso contexto, segundo Minayo (2004), mediante a forma como são regidas as políticas públicas na sua efetividade, visando à promoção e ao auxílio dos menos favorecidos, ou se torna visível pela omissão de

suas obrigações. Para a autora, esse tipo de violência aparece no social como uma agressão em grande escala, sendo, principalmente, desempenhada por instituições públicas e privadas.

A violência interpessoal está presente no tratamento de um sujeito (ou grupo de sujeitos) para outro. São efetuadas, geralmente, sob formas diversas entre elas, através dos abusos decorrentes de um que detém poder sobre o outro, com negligências e outras mazelas. Para a autora, certamente sendo apoiadas pelas formas de violência institucional e estrutural. As formas de violência na velhice são, enfim, de modo geral, associadas a abusos das rendas e do dinheiro do sujeito idoso, agressões físicas, negligências, humilhações, abandono e até mesmo violência sexual.

As agressões e hostilidades praticadas contra o sujeito idoso são relacionadas a inúmeros fatores, tais como: stress dos cuidadores, problemas oriundos de ordem econômica, alguns tipos de doenças que provocam dificuldades de consciência e cuidados consigo mesmos, urbanização – e falta de urbanidade, dificuldade nas relações intergeracionais, perfil agressivo do cuidador. Entretanto, o que fortalece tais manifestações agressivas contra o sujeito idoso são os sentimentos discriminatórios e a desvalorização dos mesmos num cenário onde ainda não se sabe exatamente reconhecer as qualidades e possibilidades de quem envelhece, o que torna urgente a viabilização de formas capazes de efetivar papéis mais dignos para os atuais ‘envelhecetes’.

O idoso, por si só, não tem como dar conta dos esforços exigidos no mundo do capital, geralmente apenas focados na produtividade. Além de algumas limitações para o capital, a velhice também vem denunciar aquilo que contradiz a potência sem faltas do consumismo. A falta é denunciada através da proximidade com a morte. Em nosso contexto, de uma sociedade capitalista onde nada pode parar de funcionar, o que a morte representaria? Em “*Além do principio do prazer*”, Freud (1976) define a morte como o resultado final de várias perdas, que vão sendo sentidas pelos sujeitos ao longo da vida. A experiência de perda em nosso contexto é vista de forma negativa e não representa nenhum aspecto de transformação.



Tanto a perda material, quanto a perda de algum ente querido ou interesse, provoca uma tentativa de tamponamento imediata.

Assim, as faltas têm de ser suprimidas o mais rapidamente possível. A reflexão e as consequências que poderiam ser apuradas nesse processo perdem-se e dão lugar a novas sequências de busca por uma perfeição sem falhas, sem faltas. A morte, que representaria, para a psicanálise, a *“falta por excelência”*, é escancarada, na velhice, mediante as sucessivas perdas que se dão a ver, nas relações, no corpo, nos sentimentos. As possibilidades de lidar com as faltas, com as fissuras que vão surgindo na velhice, parecem maiores pela dificuldade que representa, para o que envelhece, se reinventar, redesenhar alguns dos seus projetos de vida de acordo com essa nova fase, baseada, sobretudo, na aceitação das especificidades que se colocam.

Entretanto, Represas (2006) ressalta a importância da aceitação de que o ser humano faz parte de uma espécie, e de que essa espécie tem um ciclo, bem como de que o pertencimento a essa espécie implica estar, desde o nascimento, nesse processo, de que o homem é um ser por terminar. O interesse em ser útil e se manter, de alguma forma, dentro dos processos sociais com outros seres dessa espécie viabiliza uma vida mais saudável e feliz, independentemente da idade que se tem. Exercitar alguma meta ou ter algum projeto que estimule a atividade, física ou mental, é, portanto, muito importante, pois mantém o desejo empregado em situações que, comumente, envolvam o social. As possibilidades de representação do idoso, bem como a sua condição de ser que envelhece, adquirem no social uma ação de dupla ênfase: por um lado, de maior abertura e consideração nas atividades desenvolvidas no social, levando em consideração o público idoso; e, por outro, de efetiva participação nessa demanda, mostrando o quanto pode e tem para contribuir nos processos sociais com suas experiências e habilidades.

A seguir, é possível ver mais acerca da estruturação da velhice, concebida como presente, desde o nascimento do ser humano, enquanto um processo contínuo até à chegada da velhice propriamente dita. Nela, destacam-se características que representam a estrutura biológica do envelhecimento, que denuncia a passagem do tempo enquanto fenômeno natural, e, por outro lado,

revela a singularidade desse processo enquanto um fenômeno único vivenciado individualmente pelos sujeitos, mediante as singulares construções subjetivas.

## 2. O ESTRUTURAL E O SUBJETIVO NA VELHICE

### 2.1. Algumas considerações sobre desenvolvimento e estrutura: um corpo que envelhece

O ser humano está em processo de formação, ou seja, em pleno desenvolvimento de suas potencialidades, “desde o útero até a morte” (SHAFER, 2005, p. 2). Nesse percurso, existem situações que demandam, de cada um, adaptações, físicas, mentais e sociais, em relação ao mundo em que vivem.

O processo de desenvolvimento compõe-se de inúmeras continuidades desenvolvimentistas, que se constitui na forma pela qual é possível retomar as aquisições do passado e (re) elaborá-las frente às possibilidades presentes e futuras. A ciência do desenvolvimento situa formas gerais ou semelhantes que fazem parte de características da espécie humana como um todo, ou seja, forja uma maneira mais ou menos comum de desenvolvimento ‘evolução’ da espécie. Esse grupo de características representa o *desenvolvimento normativo* do ser humano. Existem, no entanto, variações daquilo que é geral no desenvolvimento. As características individuais, compostas por diferentes vivências, influências e escolhas que o sujeito terá ao longo de sua vida, constituirão o chamado *desenvolvimento idiográfico*, responsável pela singularidade dos sujeitos.

O desenvolvimento implica a maturação e a aprendizagem de novos hábitos para a sobrevivência. A maturação refere-se a um plano contido no código genético, bem como aos estímulos externos que desencadeiam esse aparato neurofisiológico. Diz também respeito a questões biológicas e mentais: às condições que permitem ao sujeito enquanto estrutura desenvolver suas capacidades. A aprendizagem é um instrumento que viabiliza a captação de condutas, comportamentos e teorizações que se tornam parte das vivências e recursos subjetivos e práticos do sujeito. Maturação e aprendizagem andam lado a lado, possuem determinadas especificidades e requerem certas condições. Neste sentido, um dos processos responsável e vital para que se dê tal maturação e aprendizagem é a plasticidade.

A plasticidade refere-se ao potencial de adaptação do sujeito a mudanças positivas ou negativas. Deste modo, desde muito bebê esse mecanismo auxilia para que, através de estímulos exteriores, possa haver possibilidades de o sujeito vir a responder de uma forma que lhe garanta sobrevivência e sucesso nas situações pelas quais irá passar. Uma criança que nasce com alguma deficiência pode, por exemplo, com estímulos adequados, melhorar de um problema, ou desenvolver outras possibilidades que lhe permita suprimir ou suprir tal dificuldade. Em situações positivas em que hajam estímulos adequados, pode haver uma iniciação no desenvolvimento de habilidades e potencialidades que capazes de influenciar o sujeito em seus gostos, bem como proporcionar melhor funcionamento do aparato cognitivo.

A plasticidade está intimamente ligada à resiliência, um mecanismo que, tanto na fase adulta, quanto na velhice, permite ao sujeito superar dificuldades e reorganizar projetos de vida. A resiliência é um conceito que vem da física e refere-se à capacidade de recuperação de um corpo físico depois de sofrer certa deformação, depois que cessa o agente causador de tensão. Na prática das vivências diárias e dos relacionamentos, significa a capacidade de os sujeitos conseguirem superar situações críticas utilizando-se da própria energia presente no problema para encontrar a solução para o mesmo (FLACH, 1991). É por isso que os idosos que possuem esse recurso, tanto em nível físico, quanto subjetivo, têm maior qualidade de vida na fase da velhice, pois essa plasticidade, que tem seu início na infância, se bem aproveitada pelo sujeito, lhe permite superar, estruturalmente, algumas mudanças e adversidades ocorridas durante toda a sua vida, inclusive na própria fase da velhice.

A velhice, como mais uma fase humana, caracteriza-se por um processo que causa modificações para os sujeitos em várias esferas de sua vida. No social, ao tempo que há um ganho em termos de experiências, há a perda de alguns papéis e funções, o que pode acontecer e ser simbolizado pelo idoso, de acordo com os valores que possui e a cultura na qual está inserido. A dimensão psíquica se modifica desde o modo em que captura sua identidade em meio a essas mudanças sociais, até o modo como se sente capturado pelo olhar de um outro que lhe dá mais

uma significação, a partir dos sinais que estão dados a ver, como a idade cronológica, alterações físicas, enfim, as mudanças biológicas que de algum modo influenciam os outros aspectos.

As mudanças que se colocam em nível biológico dão-se, geralmente, a ver no corpo. O corpo é a condição material que dá acesso do sujeito ao mundo. Além de aparato de funções neurofisiológicas, é também o signo que nos permite circular na sociedade. Dotado de funções e significados, esse corpo que compõe nosso eu é, na velhice, atualmente, testado e, muitas vezes, rejeitado. O ideal corpóreo que se tem é o de um corpo jovem, esbelto e com a maior vitalidade possível. O corpo natural, entretanto, corresponde ao ciclo evolutivo da genética humana. Corresponde à espécie, ao ciclo biológico no qual há o nascimento, o desenvolvimento, o envelhecimento e a morte.

Represas (2006) propõe, por isso, uma indissociabilidade entre o biológico e o cultural. Se existe uma característica comum a todos enquanto espécie, diz o autor, também há um componente cultural que torna os sujeitos todos, e seus respectivos organismos singulares, à sua maneira. Existem, porém, construções corporais diferentes em cada contexto – e as determinações do social influenciam sobre a forma como o organismo responderá. O adoecimento no organismo do idoso pode sofrer consequências do processo de negação e marginalização, frutos de uma cultura de eterna juventude.

Deste modo, a excessiva importância dada ao corpo, em nosso contexto, evidencia-se na estética, na agilidade exigida nos processos, no vigor, na boa forma. Bauman (1998) ressalta que a lógica existente na contemporaneidade refere-se a uma ideia de limpeza, a um “ideal de pureza”, imperativo esse que requer que todas as coisas estejam em seu suposto lugar no social, obedecendo a certa ordem subjacente às situações. Os corpos, na contemporaneidade, entrariam nessa ordem de modo a permanecerem numa exigida perfeição, se mantendo lisos, sem rugas, magros, belos e ágeis. Assim, para o autor, a negação dos sinais do envelhecimento anatômico dos sujeitos explicaria a dificuldade de lidar com a naturalidade da questão corpórea nas evidentes tentativas de corrigi-lo, melhorá-lo, torná-lo puro.

Atualmente, diversas pesquisas buscam e propõem diferentes explicações biológicas para o envelhecimento. São diversas teorias que procuram entender o ciclo evolutivo do ser humano, algumas vezes com o intuito de melhorar a qualidade de vida dos idosos, outras vezes com o intuito de tamponar as brechas faltantes da condição humana, denunciadas pela velhice, pelo apagamento dos sinais desta.

Essa tentativa de tornar o corpo perfeito, desconsiderando seus desgastes naturais, forçaria a natureza do corpo genético/biológico e proporia uma forma de resiliência impossível até mesmo aos olhos da ciência física. Afinal, o corpo, sob tensão, pode sim, dependendo de seus recursos internos, buscar retorno ao estado natural e anterior à tensão. Entretanto, os efeitos serão inscritos, de uma forma ou outra, de modo que tal tensão, incidindo sobre corpo, deixará, num nível mais suave ou intenso, as suas marcas. E não há como escondê-las por completo, pois fazem parte da história desse corpo e, conseqüentemente, desse sujeito.

As mudanças biológicas não ocorrem de um dia para o outro: desde o nascimento, o organismo sofre constantes alterações em sua maioria constitutiva. Deste modo, na infância e juventude, assim como no desenrolar da vida adulta, está sendo esboçada a forma como se dará a velhice dos sujeitos. A saúde, como um todo, na velhice será influenciada/ determinada pelas escolhas que vão sendo feitas ao longo da vida.

A velhice acarreta modificações corporais, que não necessariamente estão ligadas ao aparecimento de doenças. Mucida (2004) explicita que a gerontologia distingue senescência de senilidade, atribuindo à primeira a denominação, de um processo fisiológico inevitável do organismo, quando ocorrem modificações precisas associadas a uma redução das funções, sem implicar necessariamente o aparecimento de doenças (senilidade). Assim, as modificações que ocorrem a partir de determinada idade e são variáveis de organismo para organismo podem se expressar, sob diferentes maneiras, nas funções respiratórias, pulmonares, circulatórias, linfáticas, etc.

O envelhecimento provoca, gradativamente, alguns desgastes, algumas alterações em diversos sistemas funcionais, mas a evolução desse processo ocorre

de modo diferente de um sujeito para outro. A forma como o idoso lidará particularmente com tais modificações poderá causar dependência funcional em atividades diárias, ou não. A capacidade funcional é entendida como a possibilidade que o idoso possui de agir com liberdade e independência em sua vida diária, em seu cotidiano.

Ramos (2003) inclui a análise da capacidade funcional dos idosos como um novo conceito na área da saúde, que leva em conta, além da saúde física, a saúde mental, as questões de ordem sociais, psíquicas, financeiras e, até, econômicas. Tudo em busca de compreender a vivência dos idosos em uma dimensão multidimensional. Vale ressaltar que a presença de doenças não implica necessariamente a incapacidade funcional, ou seja, a perda de autonomia para o idoso.

Alguns estudos revelam que a chamada incapacidade funcional, designada para denominar alguns limites que se agravam na velhice, decorre não apenas de associações a algumas doenças e dificuldades estruturais, mas também é influenciada por fatores sociais, demográficos e psicológicos. A percepção de uma velhice ruim, focada apenas em aspectos negativos, muitas vezes acompanhados por índices de baixa escolaridade e pobreza, é um dos fatores que causam uma dependência ao idoso em sua vida funcional, ou seja, a falta de apoio psicossocial desde as suas matrizes principais que, permanecendo presentes na velhice, certamente bloqueiam, no idoso, a percepção de suas potencialidades e respectivas vivências práticas.

Alguns problemas de saúde manifestam-se com mais intensidade na velhice. Na realidade, em todas as faixas etárias existem pessoas com problemas de saúde ou não. Entretanto, nesta fase, algumas doenças que existiam anteriormente, até mesmo em relação ao próprio processo de envelhecimento, tendem a se manifestar com maiores implicações, até pela fragilidade já existente em alguns sistemas corporais. A velhice, conforme Okuma (1998), enquanto processo biopsicossocial, estrutura-se de forma singularizada, podendo constituir uma velhice sã - ou não -, de acordo com as possibilidades genéticas e subjetivas de que o sujeito pode dispor, ou criar para si, nas mais diversas situações sua vida.

São as mudanças relacionadas às questões anatômicas, que se dão a ver, geralmente, como as primeiras evidências da velhice, de modo que surgem de forma mais acentuada nessa fase. Alguns sinais anatômicos correspondem a um cabelo mais quebradiço, a uma pele mais ressecada e pálida. Os movimentos sofrem alterações com a diminuição do tônus muscular, dando a ver, no corpo, e na face, que o tempo de fato passou para aquele sujeito. Os ossos também se tornam mais enfraquecidos com o passar do tempo, e as articulações podem sofrer certas calcificações que alteram a capacidade de movimentos e podem causar dor.

As mudanças, em nível fisiológico, ocorrem principalmente no ritmo corporal e nas alterações gerais de funcionamento. Ocorrem mudanças no sistema digestivo, na assimilação dos alimentos no organismo, em seu aproveitamento, o sistema respiratório torna-se mais lento, bem como os sistemas cardíaco e circulatório. Também há diminuição na produção de certos hormônios, incluídos os relativos à sexualidade. Tais modificações fisiológicas surgem em diferentes momentos e sofrem variações para cada sujeito, dependendo do tipo de vida e reservas corporais que cada um possui. Entretanto, em algum momento manifestam-se, pois dizem de uma regra natural da estrutura humana.

Ocorre entre meio o aparecimento desses sinais, a negação do processo de envelhecimento e das consequências em todos os aspectos desse processo. Muito empenho é empreendido no esforço de viabilizar meios para esconder os efeitos, principalmente anatômicos, do envelhecimento. São diversas as medidas que se utilizam para tamponar os efeitos da passagem do tempo: mudanças estéticas de todos os níveis que tecnologias possam dar conta, roupas e maquiagens elaboradas, cirurgias que surgem para apagar os sinais do tempo e, também, procedimentos infundáveis por razões estéticas são exemplos muito comuns. De modo que, muitas vezes, em meio a essa demanda de tamponamento, perde-se a oportunidade de uma negociação saudável com esse novo funcionamento corporal e essa nova imagem refletida no espelho.

O processo de envelhecimento, deste modo, acarreta sinais e mudanças que surgem para todos os que envelhecem. É a natureza impondo as suas



determinações. Entretanto, vale a ressalva de que essas modificações não acontecem da mesma forma para todos. Além das mudanças corporais, biológicas, associadas ao processo de velhice e relacionadas às heranças genéticas e de estilo de vida, outra herança diz respeito à forma com que cada sujeito terá seus traços inscritos. É a forma única e singular que registra como foi levada uma vida e o sentido dado a tais vivências, diretamente relaciona aos componentes subjetivos que influenciam esse processo.

## **2.2. A construção subjetiva da velhice**

Para a psicanálise, o desenvolvimento da afetividade se dá primeiramente nos cuidados entre quem realiza a função materna, de acolhimento, com os cuidados básicos, proteção e amor. Winnicott (1975) afirma que a criança, ao perceber-se tocada, alimentada e, sobretudo, que possui um lugar de desejo, um lugar só seu na relação com o cuidador, passa a responder de modo correspondente a esses estímulos. A mãe, no início, não é identificada como um ser separado da criança. Mas, à medida que esta percebe que sua ação gera uma reação no mundo externo, passa a entender melhor ao mundo e a si. Assim, se há fome, mediante um resmungo ou choro logo a solução aparece, a noção de conservação de objeto vai se dando, e a mãe passa a ser vista como um ser separado. A relação com esses outros que compõem o mundo da criança passa então a ser fundamental para o desenvolvimento da afetividade. As sensações que advêm das experiências e situações são assimiladas como parte integrante do eu.

As aquisições que vão se dando na infância farão, certamente, parte do desenvolvimento estrutural do sujeito. Será um esboço para as futuras realizações, pois traçam um esquema próprio e único de sentir, desejar, amar, aprender e agir. Entretanto, em cada momento da vida estão sendo redesenhadas formas e variações dessa estrutura, chamada personalidade. Os traços estruturais se mantêm, mas as influências e modificações que ocorrem ao longo da vida garantem que o desenvolvimento não cessa senão com a morte.

É na infância, baseada na estrutura que vai sendo construída, que surgem também os primeiros ideais. A singularidade que garante ao sujeito ser único no

mundo pela forma particular com que conduziu seu desenvolvimento psicossomático se revela nas primeiras escolhas feitas, que serão, de certa forma, mais determinantes em sua vida. Os primeiros amigos, bem como as brincadeiras prediletas (médico, professor, veterinário, psicólogo), contêm os traços da vida futura dos sujeitos.

As brincadeiras, os jogos, os valores e relações estabelecidos na infância e adolescência vão, no futuro, determinar qual será o papel dos sujeitos no social. A cultura tem um papel incisivo nesse processo, pois mostra à criança, em um primeiro momento, as opções de códigos, valores e crenças que regem o social. O núcleo familiar oferece suas características e legados à formação de personalidade, na qual a cultura está atravessada.

A adolescência, segundo Freud (1972), é um processo notável do crescimento, na qual muitas descobertas são feitas, dado que muitas escolhas da primeira infância exercitadas ao longo da infância são consolidadas. Entretanto, deixar conhecimentos seguros adquiridos na infância e ter de reconhecer novas verdades e caminhos provocam, principalmente num primeiro momento, muitos conflitos. A busca de novos ideais e formas de dar conta dessa nova realidade é um caminho deveras difícil para o sujeito. Essa etapa de transição viabiliza, no entanto, que a vida adulta possa se estabelecer.

Crescer, portanto, não é tarefa fácil. Há que se abrir mão de um universo simbólico no qual tudo é possível, tudo é aceitável e receptivo no social, para uma busca de consolidação da identidade, que passou por diversos tipos de estruturação e influências: cognitivas, parentais, escolares e socioculturais. Ademais, a vida adulta impõe obstáculos e a tomada de posição frente a isso é que irá determinar, em parte, o seguimento que se dará na posteridade. As escolhas feitas já assumem uma seriedade que, diferentemente da adolescência, já não é mais tão revogável. Isso certamente irá repercutir na velhice. Os caminhos, as escolhas alimentares, os laços sociais, tudo isso formará o esboço do que será a velhice.

A velhice enquanto mais uma fase humana, por sua vez, caracteriza-se por um processo que causa modificações para os sujeitos em várias esferas de sua

vida. No social, ao mesmo tempo em que há o ganho em termos de experiências, existe a perda de alguns papéis e funções, o que pode acontecer e ser simbolizado, pelo idoso, de acordo com os valores que possui e a cultura na qual está inserido. A dimensão psíquica se modifica desde o modo como captura sua identidade em meio a essas mudanças sociais, até o momento em que se sente capturado pelo olhar do outro, que lhe dá mais uma significação a partir dos sinais que estão dados a ver, como a idade cronológica, as alterações físicas, enfim, as mudanças biológicas que de algum modo influenciam os outros aspectos.

Jerusalinski (1996) sugere que existe determinado momento, para o sujeito, em que o real desnuda-se diante de seus olhos, posto que não há mais elementos para cobri-lo. Neste momento, inevitavelmente, acontecem sinais que revelam a chegada da velhice. Lapsos de memória, algumas perdas incontestáveis, situações impostas pela realidade, e até mesmo uma imagem refletida no espelho, que a princípio o sujeito tem dificuldades para identificar (se). São impressões que tentam ser dissipadas e até mesmo busca-se para recursos e desculpas para minimizá-las, torná-las sem muita importância. Mas os lapsos e dificuldades, depois de tranquilizados, retornam, tornam-se mais frequentes, e acabam por fazer parte da rotina cotidiana.

O controle das situações, tão presente no contexto atual, que exige exatidão nos movimentos e julgamentos, acaba de ser posto à prova. Assim, alguns atos inesperados, algumas dificuldades que se apresentam no pensar, no agir, não cumprem com o que de fato se esperava, ou que o sujeito próprio esperava de si, em alguma circunstância. Algo na suposta autonomia, suposição esta presente na maior parte da vida do sujeito, se desfaz enquanto certeza. Denuncia-se a fragilidade real da condição humana, não mais sustentada por fantasias juvenis de possibilidades ilimitadas.

Nesse momento, diferentemente de outras fases da vida em que era possível a negação de uma falta, de um limite, apura-se a consciência de finitude do ser humano. Um fim aproxima-se - e não há como adiá-lo. As queixas e dissabores amargados diante de situações frustrantes, ou que apenas não se concretizaram do modo que o sujeito desejara ou supunha, adquirem nova significação, frente a

situações que, para além do aspecto imaginário de sucesso ou fracasso, tem de enfrentar um real que não deixa dúvidas de sua inscrição. Aí estão, postas à sua frente, as situações que obrigam o sujeito a encarar essa realidade. Situações denunciadoras de um real que se impõe e não cessa de se inscrever. Para Jerusalinski (1996), algumas situações destas situações, adquirem caráter traumático na vida do sujeito e, somadas aos demais sinais e acontecimentos, são responsáveis por uma *Neurose do Envelhecimento*.

Mannoni (1995) também menciona a respeito de uma situação real, relacionada à velhice, que não pode ser modificada. O real, então, para a psicanálise, é algo a ser recoberto pelos recursos simbólicos e imaginários, pois, sem tal revestimento, não seria possível representá-lo. A representação do real aparece na velhice de maneira mais inquisitiva, de modo que a condenação da morte, horror inominável do sujeito, estaria lá desde o nascimento, mas, durante o transcorrer da vida, acaba-se por esquecê-la. Na velhice, essa representação, abrandada pelo entusiasmo da juventude, acaba se presentificando com mais vigor e consistência, posto que as perspectivas em relação ao futuro acabam ficando mais reduzidas.

O real da finitude, agora, não é mais tão passível de ser reinventado, pois se dá a ver nos processos psicológicos e corporais do sujeitos. A lentidão pulsional e a degradação gradual vêm a testemunhar, no corpo, isso que vem do real e não cessa de se inscrever. A questão do não envelhecimento do desejo, em contrapartida, não vem como uma tentativa de apagar as diferenças que a realidade coloca entre as gerações e, assim, poder pensar as possibilidades subjetivas que o sujeito que está envelhecendo tem de lidar com essa realidade e, a partir disso, sustentar sua própria realidade psíquica em articulação com sua posição desejante.

Nessa cadeia traumática de situações adversas para o sujeito, algumas perdas podem de fato interferir na posição psíquica do mesmo, que sucederiam por volta da meia idade da vida adulta e têm seu enredo de significações com o passar dos anos. Para Jerusalinski (1996), algumas seriam específicas, entretanto, não sequenciais.

A perda dos pais reais seria um acontecimento logicamente previsível, posto que esta é a regra natural: nascer, crescer, envelhecer e morrer. Entretanto, a surpresa e o choque se manifestam de maneira tal como se esse não fosse o acontecimento esperado. Seria uma situação traumática dentro da neurose, ou seja, do desenvolvimento considerado normal dos sujeitos. Assim, a morte dos pais obrigaria o sujeito a identificar-se com os pais perdidos no processo de luto dessa perda, familiarizando o sujeito com os significantes da velhice. O processo, em si, do luto caracteriza-se como satisfatório por seu caráter de transitoriedade, ou seja, procura dar conta das elaborações psíquicas de que o sujeito necessita para organizar sua subjetividade e encerra seu ciclo permitindo que o mesmo possa continuar sua vida normalmente.

Entretanto, as representações organizadas internamente frente à morte dos pais reais tem sua elaboração de modo permanente, posto que ao sujeito já causa uma mudança em sua posição psíquica, acarretando deslocamentos posteriores, em questões referentes à finitude, à morte e a mobilizações psicológicas oriundas de identificações com sintomatologias próprias do envelhecimento. Muito possivelmente as representações que não puderam encontrar espaço dentro do mundo ideativo do sujeito, daquilo que ele talvez não possa suportar simbolicamente, possam dar-se a ver em sintomas corporais, sendo ainda parte dessa elaboração interna do próprio processo da perda.

A perda da ilusão de escolha autônoma nas situações provoca, igualmente, um tipo de conflito, pois se constata que, realmente, algumas coisas não podem ser mudadas. A autonomia consciente que o sujeito julga possuir sobre as situações é colocada em dúvida nos lapsos, atos falhos e situações em que um controle efetivo de seus próprios pensamentos e ações já não se sustenta de modo exato como pareceu ser outrora. Aquilo que, em algum momento acreditava-se indefinido e passível de mudanças, perde força mediante as repetições inegáveis que na vida foram se sucedendo, dando a ver uma sobredeterminação inconsciente que foge às vontades conscientes do sujeito.

Freud (1976), ao referir-se ao inconsciente, propõe uma estrutura que possui uma lógica própria, diferente da consciência. É constituída paralelamente às

representações conscientes e às influências, naquilo que não é possível, mediante seus recursos simbólicos, o sujeito saber sobre si, mas que inevitavelmente já faz parte de si. Desde esse ponto de vista, as primeiras inscrições, as primeiras vivências deixadas no psiquismo do sujeito, não se perdem nunca, permanecendo, estruturalmente, na sua origem, inalteradas, investidas do mesmo modo com que foram investidas originalmente. Fica explícito, nos conceitos freudianos, que algo não se traduz de uma etapa para outra, instaurando a manutenção de uma falta, de um desejo insatisfeito, que mobilize o sujeito sobredeterminando-o em suas ações.

Assim, o tempo de que o sujeito dispõe para realizar mudanças em nível de estrutura psíquica é, sim, limitado e, posteriormente a esse período, as oportunidades de mudança se limitam a ressignificações das primeiras inscrições psíquicas. Esse tempo, que vai instaurar um caráter de definitivo para o sujeito, estende-se do nascimento até o final da adolescência, onde as características únicas referentes à singularidade psíquica se instauram. Essas características dizem, dentre outras possibilidades, da forma particular de ver o mundo, de interpretá-lo, da forma particular de escolher o objeto de amor, de realizar trocas com o social, entre outras tantas peculiaridades. Entretanto, a percepção do definitivo é resistida pelo sujeito, que sempre julga ter escolhas. A velhice permite a percepção de que existem coisas que não podem ser escolhidas, nem mudadas, pois algo, uma brecha faltante, sempre se coloca, sempre escapa na lógica exata em que se propõe para as situações.

O inconsciente, proposto por Freud (1976) em *O inconsciente*, seria também atemporal. Para além da idade contada em anos, ou seja, do tempo cronológico, há, segundo a predominância, no psiquismo, um tempo lógico, onde as experiências e representações dotadas de significado dadas a essas instauram um tempo subjetivo, que prepondera ao tempo biológico referente à passagem dos anos. Dessa forma, para além das percepções corporais que dizem da realidade orgânica e suas implicações no vínculo com o social, o sujeito vai, ele próprio, construindo sua velhice na medida em que também pode ir construindo o seu percurso de vida (com os vínculos que estabeleceu e o que lhe provocou mais identificação, as oportunidades e caminhos explorados, etc.). Nessa perspectiva, é muito própria de cada um a construção da velhice, podendo ela ser melhor entendida como uma

questão de posição psíquica. Assim, para a psicanálise, “o desejo não tem idade, não tem a mesma idade de nossos vasos sanguíneos, ou nossos órgãos, nessa direção à velhice implica em saber vestir esse desejo” (Mucida, 2004, p. 31).

Mannoni (1995) questiona sobre “em que momento se fica velho?”, “Em que momento o sujeito passa a ser considerado e considera-se nessa posição?” e “Que fatores viriam a delimitar isso?”. Segundo a autora, a velhice não teria nada a ver com o passar do tempo, num sentido cronológico, mas teria sim a ver com a posição psíquica do sujeito. Desse modo, o sujeito envelheceria conforme suas possibilidades identificatórias em relação a condutas e pensamentos mais joviais, como também poderia vir a se identificar com comportamentos que, pelo seu caráter de seriedade, diriam de uma conduta mais amadurecida. Assim, uma mocinha ainda muito jovem pode encarnar desde cedo a senhora respeitável; ou um senhor com uma idade mais avançada pode adotar condutas e um estilo de vida bem jovial, e até mesmo, não raras vezes, infantil.

Os anos vividos, embora únicos e singulares na forma como são percebidos, modificam a relação do sujeito com o tempo. Assim, o passado, enquanto tempo já vivido, torna-se, com o passar dos anos, longo, e as perspectivas futuras, por sua vez, bastante reduzidas. Entretanto, ninguém vai dormir jovem e acorda subitamente velho, o envelhecimento começa no dia em que se nasce. Mas as pessoas parecem ter certa dificuldade em abordar o tema envelhecimento, ou mesmo de se perceberem ou aceitarem o fato de estarem envelhecendo. Parece que a subjetividade do sujeito não acompanha, num sentido linear ou desenvolvimentista, isso que é do cronológico, ou seja, da datação formal de um tempo que se passou e suas possíveis consequências na realidade. O sujeito não parece perceber em si os efeitos dessa passagem do tempo, sendo comum certo estranhamento frente ao espelho, quando se depara com a realidade que acarreta a incessante inscrição do real sobre o seu corpo, que destoa imensamente da imagem que o sujeito havia internalizado de si.

A própria percepção do envelhecimento pode tornar-se traumática quando representada como perda da potência fálica. Jerusalinski (1996) situa como situação psíquica relevante e traumática a percepção da diminuição da potência, ou seja, das

possibilidades fálicas que, obtendo suas primeiras inscrições na infância e adolescência, se tornam rituais, segundo as vivências do sujeito, como possibilidade de poder sobre algo. Esse sentimento de potência, também muito ligado ao corpo, tende a se esvaír com a velhice, no acompanhamento das próprias questões funcionais e hormonais que desaceleram seu funcionamento e, ainda, anatômicas, que de certa forma se desencontram com os ideais de beleza e juventude organizadoras das representações fálicas no social. Essa diminuição de potência causaria uma série de efeitos nos sujeitos, posto que estaria muito ligada a um reconhecimento social. O sujeito, percebendo essa diminuição, pode recorrer ao humor, forçar uma potência inexistente e não condizente com suas possibilidades, ter vergonha de seu estado e, até mesmo, ficar melancólico com essa perda de reconhecimento próprio e dos outros.

Tendo o sujeito esta resistência própria com a velhice, a mesma nos é comumente, conforme Beauvoir (1986), apresentada pelo outro. Pensamos na velhice à medida que percebemos as pessoas que nos cercam envelhecer. Pensar sobre a própria velhice não é uma tarefa fácil nesta cultura em que se valoriza unicamente o novo. Expressões verbais utilizadas no início do processo de envelhecimento, como “Estou ficando velho”, que apontam para uma ação gradativa, denota a dificuldade simbólica em assimilar essa condição e se apropriar desta nova identidade. Segundo Skinner e Vaughan (1985), o envelhecimento não é algo sobre o que se possa pensar com muita concretude antes da sua vivência e experiência, ou seja, pensar o envelhecimento como algo anterior fica, de qualquer modo, sem corresponder à realidade da ampla gama de representações e emoções ligadas a tal processo. E mesmo assim, muito frequentemente, a vivência da faixa etária correspondente à velhice não garante a vivência psicológica desse processo para o sujeito.

A protagonização dos outros, por isso, é uma forma de perceber a chegada da velhice, sendo. Pode acontecer em situações sociais, nas quais em outra época o sujeito provavelmente inferia com mais atividade. Essa realidade apresentada pelo outro causa, no idoso, certa melancolia e até mesmo um saudosismo, posto que agora quem cria, decide e organiza, geralmente, é o outro: é aquele que está estudando, pesquisando e lançando um olhar dedicado e interessado sobre



assuntos que, muitas vezes, o idoso sequer tem conhecimento da existência. Essa melancolia, agregada e potencializada, muitas vezes, com a degradação do corpo, a percepção da finitude e a perda de seus pares, poderá, se não se obtiver recursos de simbolização e um trabalho de luto satisfatório, provocar um adoecimento psíquico que impeça um amadurecimento psicológico acerca da velhice.

Nesses termos, o papel do outro é fundamental na vida do ser humano, continua refletindo, tanto como cultura veiculada no social, quanto como a imagem que o idoso possui na atualidade. Mucida (2004), a partir de pesquisas da obra de Beauvoir (1986), situa o envelhecimento como a articulação de duas variáveis, sendo, (1) a cultura na qual se está inserido e (2) o destino singular desse que envelhece. Esse destino singular pode ser entendido como um entrelaçamento das experiências vividas, bem como o sentido que a estas foram sendo dados nesse equilíbrio entre perdas traumáticas e novas fontes de satisfação. Pode-se pensar a, partir disso, que cada pessoa envelhece de uma maneira particular, dentro de um tempo próprio, em que lhe é possível fazer tais elaborações.

Complementando essa ideia de que a velhice é, sobretudo, uma questão de posição psíquica, Mucida (2004) esclarece que a categoria social, em si, não diz nada a respeito da singularidade dos sujeitos. Afinal, dizer que uma pessoa tem determinada idade pode até dar algumas indicações relativas aos possíveis aspectos corporais, fisiológicos ou até sociais, mas não consegue indicar como cada sujeito está podendo elaborar e vivenciar essas inscrições a partir dos traços particulares de sua história.

A autora também lembra que a idade cronológica é muito escorregadia para se determinar a velhice, pois, em categorias esportivas, e em diversas outras profissões, pode-se, inclusive, estar velho com 30 anos, ou, em alguns casos até menos, quando, em muitas circunstâncias, o sujeito seria considerado estando na juventude, ou entrando na maturidade. Entretanto, Mucida (2004) esclarece que, ao mesmo tempo em que envelhecer é, sobretudo, uma questão de posição psíquica, as possibilidades de resposta não são as mesmas aos 20 e aos 90 anos. Se, por um lado, fatores como a idade cronológica, as marcas corporais, doenças ou

peculiaridades identificatórias não definem com precisão a idade subjetiva do sujeito; por outro lado, não há como desconsiderar os efeitos que o tempo impõe ao sujeito.

Os registros corporais (cabelos brancos, calvície, rugas, reflexos menos rápidos), bem como o acúmulo de experiências ao longo da vida, têm seus efeitos na subjetividade, que permite ao idoso responder, em muitos aspectos, de outra posição, do que alguém bem mais jovem, mesmo estando numa posição psíquica que diz de uma maior jovialidade. A velhice, na concepção da autora, só pode ser entendida a partir de um enlaçamento particular dos três registros: real, simbólico e imaginário: “Não é possível passar pela vida desconhecendo o real das perdas que a velhice acarreta, incluindo-se aí a relação do sujeito com o imaginário, bem como o trabalho de luto e a exigência de tratamento desse real pelo simbólico” (Mucida, 2004, p. 31).

Geralmente quando o sujeito não conseguiu lidar com a realidade dos desgastes orgânicos, com todas as perdas que a velhice acarreta e ir, gradativamente, redimensionando as satisfações perdidas para novas satisfações substitutivas; porém, não há como negar que a brusca percepção do envelhecimento desencadeia atitudes de agressividade, preconceito e impaciência em relação a outros idosos, fato que parece dificultar ainda mais a aceitação e possibilidades de se fazerem novas construções com as representações novas que a velhice traz.

Manonni (1995) pressupõe que as perdas que ocorrem mais frequentemente na velhice sejam, em termos da quantidade de luto (que vai aumentando), os laços que vão se desfazendo e, em geral, em nível orgânico, encontram-se muito frequentemente em preponderância discursiva sobre as possibilidades que se tem de reinventar-se nessa fase perante si, numa relação estabelecida com o outro.

Quando se fala em velhice, começa-se a fazer um catálogo de tudo que enfraquece com a idade: a visão, a audição, as dificuldades para andar, a memória que vacila, as relações sexuais que se tornam cada vez mais raras devido freqüentemente à impotência do cônjuge. Quase não se fala da sexualidade, que se transforma em ternura, dos contatos a serem mantidos

pela voz, os olhares, o toque. Sonhar com o amor permanece possível até o fim (Mannoni, 1995, p. 21)

Dessa maneira, é possível pensar que a velocidade em que tudo acontece na atualidade torna prejudicada a reflexão como uma necessidade implícita ao se tracejar o percurso da vida. E impede a percepção dos aspectos positivos relacionados à velhice. Torna-se muito complicado parar em meio à agilidade com que tudo se coloca na atualidade, refletir acerca de sua própria história, pensar na passagem do tempo e perceber-se envelhecendo, podendo construir, a partir daí, representações que sustentem esse olhar que, inevitavelmente, vai ao encontro da finitude. Dessa forma, para muitas pessoas, o envelhecimento pode ser visto como algo extremamente negativo, que deve ser retardado o quanto for possível. Para tanto, os recursos, na atualidade, são inúmeros e, inclusive, investidos de uma idealização, na sua eficácia, que coloca, cada vez mais implicitamente, o envelhecimento como algo, ao menos esteticamente, indesejável.

Nessa relação de falta de familiaridade com os significantes que a velhice vem trazer, ligada também à escassa reflexão, o sujeito pode ter dificuldades em aceitar intimamente a questão do envelhecimento. A resistência à ideia de envelhecer pode, muitas vezes, estar evidenciada na relação com o outro que envelhece, desde uma posição discriminatória. Mucida (2004) percebe a segregação do idoso como uma tentativa de apagar as diferenças, entendendo por diferença aquilo que pode causar angústia pelo aspecto de estranhamento que provoca. Utilizando-se de conceitos freudianos, esclarece que a velhice pode, muitas vezes, estar num lugar de diferença, desde uma dificuldade existente, na atualidade, de poder estabelecer laços identificatórios com as pessoas que estão envelhecendo, a partir dos significantes supervalorizados no social, que nem sempre contemplam o idoso (agilidade mental e física, beleza estética e facilidade para adaptar-se aos recursos inovadores).

Quando as questões próprias do sujeito, referentes ao envelhecer (as limitações que vão se dando a ver no corpo, nas relações, os lutos feitos sucessivamente), não estão elaboradas de modo menos angustiante, poderia haver

inconscientemente, hostilidade a esse semelhante que é idoso, por, justamente numa relação especular, apontar o que o futuro reserva a todos os sujeitos. Por aí presentifica-se, cada vez mais vigorosamente, a castração, seja pelas impossibilidades que se vão inscrevendo no corpo, seja pelas práticas discriminatórias postas no social, que, por vezes, contam com a sustentação dos idosos. Essa dificuldade, em muitas vezes assimilar o próprio envelhecimento, pode estar ligada às demais fragilidades identificatórias instauradas em outras fases e crises subjetivantes.

Bosi (1994) compara o momento adolescente com o da velhice, como uma situação que se assemelha em muitos aspectos e se diferencia em outros. Na adolescência e na velhice, por exemplo, há uma crise que desestabiliza crenças, valores e construções que, por muito tempo, sustentam o sujeito. Por isso, quando esses pilares subjetivos são desconstruídos, emerge uma crise. A autora responsabiliza o social pela diferenciação tão distinta entre essas duas crises, na medida em que, pela supervalorização de representações que provocam uma repulsa à ideia de envelhecer, desencadeia uma profunda desvalorização do envelhecimento, num processo em que a sociedade sofre perdas significativas.

Tanto na crise de identidade do adolescente, quanto na crise de identidade na velhice, está presente o processo psicológico de luto. Na adolescência, o luto é realizado em relação às perdas das ilusões infantis, de idealização dos pais, das noções infantis por vezes supervalorizadas. Esse processo, na adolescência, vem acompanhado da promessa de um vir a ser, um futuro no qual satisfações substitutivas serão encontradas. No luto que ocorre no envelhecimento, algumas noções de realidade já estão mais amadurecidas e menos fantásticas. As possibilidades substitutivas em relação às perdas estão, em relação às ofertas do social, e ao próprio tempo de vida restante, diminuídas. Quando o processo de luto falha, a melancolia se presentifica como a presença da perda não substituída.

Freud (1974), em seu texto *“Luto e melancolia”*, estabelece uma distinção entre ambos. O luto, de modo geral, seria a reação à perda de algo significativo para o sujeito. Perda de alguma representação ideativa ou referência, que ocupou um lugar de investimento psíquico para o sujeito, como um ente querido. Pode-se, em

algumas pessoas, produzir, em circunstâncias parecidas, melancolia em vez de luto, o que torna as situações muito singulares. Exige certo período de tempo em que seja possível, ao eu, elaborar a perda e os sintomas a ele relacionados são desinvestidos, como o foi o objeto perdido.

O luto, no entanto, é um processo constitutivo da subjetividade, portanto necessário. A melancolia, por sua vez, exige que haja uma predisposição estrutural, tendo então uma conotação mais patológica. Suas características podem ser percebidas como um desânimo profundo, de perda do interesse por outras pessoas, de manter laços afetivos ou sociais, inibição, prejuízos na autoestima, dando lugar à autorrecriminação, autopunição e, no geral, a um desinvestimento da energia destinada ao mundo externo. O luto profundo tem, como fator que dificulta a superação da desse estado, o fato de não mais encontrar um objeto ou representação que venha ficar no lugar da representação perdida. Mas, no processo de luto saudável em relação às perdas que todos temos durante a vida, a saída dá-se assim que o processo de luto é concluído.

O trabalho de luto configura-se, assim, em um desinvestimento do objeto de amor perdido, sendo que, tão logo o trabalho de luto se conclua, o eu fica outra vez livre e desimpedido. Apesar de se ter em comum alguns sentimentos, tanto no luto quanto na melancolia, em relação ao que se perde, o que os difere, principalmente, é que, no trabalho de luto, o mundo se torna, por algum tempo, desinteressante, vazio, para pouco a pouco ir sendo investido novamente pelo sujeito. Na melancolia, o próprio eu é que fica esvaziado, sabe-se que se perdeu algo, mas o sujeito não consegue identificar o que é em virtude de haver aspectos predominantemente inconscientes nessa perda. No luto, o sujeito consegue identificar o objeto perdido, e acerca disso ir fazendo as elaborações.

Toda e qualquer perda expõe ao real o que é impossível de ser representado. Em virtude da dificuldade de representação frente ao vazio que a perda representa, o sujeito vai buscar significados que deem conta de ajudá-lo na simbolização desse processo. A proximidade com a morte, bem como a morte de entes queridos, que vai se tornando frequente para quem envelhece, parece fazer com que esse sujeito se depare com um trabalho de luto em relação a esse encontro com o limite.

Messy acredita que a velhice diz respeito a uma certa ruptura de equilíbrio entre perdas e aquisições que, em seus efeitos subjetivos, está sobredeterminada pela posição singular do sujeito idoso: “Podemos ser velhos, nos vemos velhos, sem nos sentirmos jamais como velhos” (1999, p. 70).

Entretanto, não se pode desconsiderar o tempo que passa e seus efeitos para o sujeito. Apesar da permanência do desejo em seu aspecto inalterado, como o foi na infância e sempre continuará sendo, sobredeterminando o sujeito, as possibilidades de revestimento do desejo, na relação com os objetos, não são as mesmas aos 20 ou aos 90 anos. Há uma distância entre alguns projetos, algumas atividades que se gostaria de realizar e sua efetiva possibilidade de realização. Muitos projetos para o futuro podem tornar-se inviáveis a partir de certa idade, e o luto do que poderia ter sido realizado pelo sujeito ou do que já se foi tem de ser elaborado impondo novas respostas ao sujeito.

A possibilidade de o sujeito perceber e ir elaborando subjetivamente o seu processo de envelhecimento implica que o mesmo possa ir, gradativamente, fazendo um trabalho de luto, pois, nesse processo, acontecem muitos ganhos, principalmente subjetivos, enquanto acúmulo de experiências, mas, em contrapartida e inevitavelmente, também algumas perdas. Perdas essas que podem ser entendidas como a perda da imagem ideal do corpo que o sujeito tem internalizado de si. Os lutos, pelos próximos que se perdem e que, com o passar do tempo, vão aumentando, como também, inevitavelmente, o luto por uma longa jornada, cheia de significações aí implícitas, com fatos ainda a serem significados.

Encontrar novas formas de revestimento do desejo, através do trabalho de luto, é essencial na velhice, por mais que o façamos desde o nascimento. As satisfações substitutivas fazem-se necessárias desde tenra idade, em supressão àquilo que não podemos representar de outra forma senão a que foi permitida pela conciliação entre as nossas necessidades e as ofertas da realidade externa. Para que se consiga revestir o desejo, torna-se necessária a presença de um Outro, que, pelo olhar, pela voz, demanda a convocação desse desejo. Na velhice, o atravessamento mais veemente de um processo de luto, pelas perdas que se

tornam gradativamente mais frequentes, encontram melhor sustentação, quando sustentadas, ou compartilhadas, pelo olhar de um outro, que venha assegurar para o idoso um lugar de alteridade.

O espaço social para a sublimação, que consiste em poder investir e revestir objetos, libidinalmente, com os quais o sujeito idoso possa se identificar, não é muito vasto. Os objetos e opções constantemente submetidos a renovações, valorizando preponderantemente o que é novo, não permitem mais uma identificação com o valor simbólico dos objetos. Como os significantes que ordenam o social, como beleza, agilidade, produção e novidade, são imperativos que dificultam também a atribuição de valor simbólico a isso que envelhece, o que é velho fica comumente destituído de valor. Assim, os deslizos promovidos pelo trabalho de luto nem sempre dão conta de novos rearranjos e investimentos libidinais e, nesse caso, a resposta que se vem encontrando, na atualidade, em relação àquelas representações do processo de envelhecimento que no luto não puderam ser simbolizadas, vêm, muitas vezes, sintomatizar.

A geriatria esclarece que fatores ditos de risco, como comportamentais e emocionais (ansiedade, stress, raiva, hostilidade e outras emoções negativas), além de causarem doenças psíquicas, também são, em grande parte, responsáveis por doenças físicas. Problemas cardíacos oriundos do stress e ansiedade são, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), muito comuns, principalmente por volta dos 60 anos. Essa patologia é muito comumente associada às dificuldades em assimilar e adaptar-se à velhice e, mais, são desencadeadas por dificuldades ligadas ao social e às relações interpessoais. A depressão, por sua vez, é uma das patologias mentais mais frequentes na velhice. Entretanto, a ansiedade e a depressão não atuam somente na esfera mental, mas causam também prejuízos em nível orgânico para os sujeitos. Mascarada, por vezes, por outras comorbidades, a depressão também pode passar despercebida, para familiares e para o próprio sujeito, sendo considerados, os seus sintomas, por vezes, simples comportamentos comuns.

Mucida (2004) entende que, quanto mais o sujeito consegue metaforizar, encontrar diferentes significados para um fato, tanto mais efetivo é o trabalho de

luto. Desse modo, o adoecer, ligado ao sofrimento psíquico, diminui. Segundo a autora, quanto mais possibilidades um sujeito tiver de se haver com a realidade de que algo não se inscreverá jamais, suportando, portanto, a castração (um limite a que todos estamos submetidos), mais o trabalho de luto tratará de abrir outras inscrições e reinscrições, a partir do que se preservou no eu do objeto amado que se perdeu.

Dessa forma, haveria um suportamento da falta, pela qual nem tudo é inscrito, permitindo transformar essa perda em novos significados. As trilhas, que anteriormente foram tracejadas pela libido do sujeito desde a sua constituição até à velhice, têm íntima relação com o desejo e seu caráter de indestrutibilidade, não caindo jamais em desuso e, sendo, portanto, vias de possibilidades de identificação e ressignificação, através de um trabalho de luto para o sujeito que está envelhecendo. O trabalho de luto auxilia, portanto, no processo de revestimento do desejo, frente às diferentes possibilidades, oscilantes, entre perdas e aquisições, que estão implícitas no processo de envelhecimento.

Mannoni (1995) afirma que a velhice poderia constituir, sim, um momento feliz da vida dos sujeitos e, ainda, que a memória histórica vivenciada poderia exercitar-se e ressignificar-se através de uma lembrança a ser transmitida às gerações futuras. Assim, o que foi vivido assumiria um sentido em função dos outros. Entretanto, a autora situa que o drama atual é a constatação de que não se fala mais. Tal função de fala fica perdida, por vezes encerrada no interior do sujeito, desde uma dupla dimensão: por um lado, pelo exterior, que não procura comunicação com o sujeito que envelhece; por outro, pelo próprio sujeito que, desestimulado, não procura mais falar acerca de suas experiências, que acredita desprovidas de valor para esse outro. Assim, pensa a autora, deveriam ser estudadas possibilidades de abrir e manter possibilidades de experiências enriquecedoras para esses sujeitos.

A autora também explicita que o segredo está em poder manter um pouco, em si, de uma dose de cumplicidade com a criança que se foi um dia. Afirma que, mesmo um sujeito que ao longo da sua vida pôde ir gradativamente se identificando com significantes de maior seriedade e respeitabilidade terá dificuldades no



momento em que as renúncias impostas pela incessante inscrição do real se fizerem necessárias.

Assim, o envelhecimento demanda uma tomada de decisão em aceitar as modificações que o tempo acarreta e (saber) lidar com elas. Até porque o conhecimento e a aceitação desses fatos possibilitam um posicionamento que vem a reafirmar a identidade do sujeito de uma maneira semelhante, porém mais amadurecida, das escolhas que fez na adolescência. Os aprendizados adquiridos durante a vida, certamente, não cessam de inscrever-se sucessivamente. Assim, a estrutura psicológica se mantém, mas as situações podem sempre receber novos e mais variados significados. Mais adiante, serão abordadas as implicações do envelhecer em nosso contexto, através da possibilidade de manter ativas as relações pessoais e educacionais nas possibilidades de aprendizagens e trocas sociais, culminando em outras formas de assumir novos posicionamentos e atividades na velhice.

### **3. AS FORMAS DE (IN) ATIVIDADE NA VELHICE**

A organização do tempo reflete, de modo particular, os anseios e ideais presentes na atualidade. Está implícita na visão e formas de atuação que o sujeito desenvolve em seu contexto. Esse tempo, que aparece de forma tão determinante nas questões relativas ao envelhecimento, diz tanto da cultura que prepondera na atualidade, quanto das vivências individuais que estão atravessadas pelo relógio.

Castels (1999) afirma que a forma de as pessoas se relacionarem, com o tempo, passou por modificações e configura-se de forma especial na atualidade. Assim, a transformação do tempo, pelas formas de tecnologia de informação e práticas sociais, é o fundamento de uma nova sociedade: a nossa sociedade. Para o autor, o que acontece no contexto sobredetermina o tempo, pois este se moldaria ao contexto; assim, o tempo é local. Atualmente, haveria uma tendência à negação do tempo, pelas formas de simultaneidade e instantaneidade em que se dão os processos. Desta forma, a velhice é também afetada por essa proposta que, em função de suas características, parece ser atemporal.

Quando se fala em termos temporais, há uma tendência a se recorrer às referências que norteiam nosso cotidiano atual; entretanto, segundo Castels (1999), as noções de tempo variaram muito ao longo da história. A princípio, o tempo era determinado pela sucessão de eventos, tal como continua sendo ainda para o bebê antes de conseguir abstração suficiente para representá-lo. Assim, as festas pagãs, os feriados religiosos, sempre indiretamente relacionados aos fatos naturais predominaram, até à revolução newtoniana do tempo como princípio que organiza o social. Na Revolução Industrial, a organização científica do trabalho instaurou novas formas de relação entre o tempo e o trabalho. Com as contribuições de Taylor e Ford, a compressão do tempo foi a princípio utilizada para o aumento da produtividade, tendo repercussões e deslizes simbólicos na atualidade, entretanto sob formas mais complexas.

Nas formas de organização atuais da sociedade, o tempo cronológico ainda cumpre uma função importante no capitalismo. Para Castels (1999), a modernidade pode ser entendida como a habilidade desenvolvida de domínio do tempo cronológico sobre o espaço e as relações sociais. Assim, o domínio da natureza, dos fenômenos e lugares e, certamente, das práticas está sujeito às determinações do tempo.

Entretanto, apesar da cronologia exercer um papel importante em nosso contexto, percebe-se a existência de um tempo *atemporal*, que está aos poucos causando fragmentações e novas formas de organização no social. Isso constituiria um fato novo na história da humanidade, pois ocasionaria certas reversões características inerentes à vida humana em sociedade, como a possibilidade de medir o tempo e eventos, além de prever acontecimentos baseados no acontecimento gradual das coisas. A tecnologia exerce um papel fundamental nisso, pois viabiliza que se criem realidades simultâneas e alternativas em um tempo eterno.

O tempo predominante em nossa sociedade é *intemporal*. O tempo criado pela sociedade de rede e tecnologias de informação causa certa confusão na ordem sequencial dos acontecimentos que seriam dados como naturais. Certos fatos e fenômenos que teriam em outras épocas maior possibilidade gradativa de se desenvolver se encontram, nestes tempos, colocados no social como uma compressão da realidade. O autor se refere mais detalhadamente às transações econômicas efetuadas em segundos, às jornadas cada vez mais inventivas e flexíveis de trabalho, à indeterminação do ciclo de vida, à negação da morte, à guerras virtuais e, ainda, aos multiculturalismos que se dão na mesma ocorrência de tempos. Essa caracterização não se refere a todas as formas de experiências da vida humana, dado que muitos setores são influenciados, mas mantêm ainda uma forma de desenvolvimento mais sintônica com o tempo biológico, natural.

Apesar de alguns aspectos ainda seguirem os cursos relacionados ao tempo natural que diz do ciclo de vida humana, a promessa do eterno gerado pela sociedade em rede causa uma ilusão de reversibilidade do tempo que, quando se depara com a realidade do organismo humano e das espécies, provoca mal-estar e

estranhamento. Nessa negação de um tempo linear da vida humana, é muito comum que as pessoas não queiram envelhecer.

Assim, uma das características representativas da velhice na atualidade é a de que as pessoas querem viver muito, mas não querem ser velhas. Varella (2003) justifica essa postura ao alertar quanto ao fato de que o social, em muitos momentos, lança imagens pejorativas e negativas ligadas ao ficar velho, ao envelhecer. São comuns as expressões que depreciam a velhice. Daí talvez as respostas do tipo “Não sou velho”, quando se oferece uma gentileza a pessoas que têm mais idade como um ato de educação, ou “Acho que tô ficando velho”, quando surgem dores ou esquecimentos, geralmente remetidos a lapsos cometidos pela pessoa. A produtividade, relacionada às atividades que os sujeitos executam no social, também é alvo de ataques pejorativos que impedem, em muitos casos, a percepção do sujeito que envelhece como alguém capaz de efetuar atividades, realizar novas conquistas ou até mesmo aprender novas habilidades e ofícios.

Alguns autores situam a saída da vida ativa, através da aposentadoria, como um marco que pode assinalar a entrada dos sujeitos na velhice. Segundo Mannoni (1995), quando a pessoa idosa constata que não pode mais agir como agia antes sobre o mundo, encontra dificuldades em elaborar essas renúncias e, por vezes, retira seus investimentos libidinais do mundo exterior voltando-se para si mesma. Mucida, por sua vez, entende que a chegada da aposentadoria não determinaria, por si só, a entrada na velhice; em suas palavras: “Dizer que alguém é aposentado apenas busca igualar sob a mesma denominação os grupos de pessoas que viveram um período determinado de tempo cronológico em sua relação com o trabalho” (2004, p. 29).

Entretanto, quando a preocupação com o sustento através da atuação no mercado de trabalho, bem como o compromisso no cuidado com filhos pequenos e outras incumbências já não se fazem mais necessárias, a partir de certa idade, não poderia o sujeito voltar-se para si mesmo e rever projetos de vida adiados ou até mesmo supostamente cancelados por uma rotina cristalizada? Assim, a

aposentadoria, a saída da vida ativa, pode vir a ser uma oportunidade de redimensionar o desejo para formas de satisfação substitutivas daquelas que vão se perdendo.

O sentido das atividades que o sujeito realiza ao longo da vida, tais como trabalho, o alcance de certo status social e empreendimentos, torna-se gradativamente ressignificado nas representações do sujeito no social. Parece haver um receio inscrito na cultura de que, com a chegada da velhice e do próprio processo de envelhecimento, esses sentidos, que de certa forma sustentam o sujeito no social, possam se perder, frente à supervalorização da juventude enquanto sinônimo de vitalidade e produtividade. Entretanto, percebe-se que as atividades sistemáticas, aquelas praticadas com regularidade, quando mantidas ou reestruturadas na velhice, dão sentido e alegria à vida, pela responsabilidade social nela implícita, pelo sentir-se ativo, bem como pela oportunidade de manutenção das trocas sociais.

Nesse processo de reestruturação para a nova realidade que a velhice traz na busca por satisfações substitutivas, não só se faz importante a busca por atividades que possam dar conta de viabilizar uma representação do idoso inserido nas redes que compõem o social, mas também representam uma possibilidade de dedicação a relacionamentos significativos, valores, ideais e tradições que possam estar em conformidade com o seu desejo, podendo consistir em atividades muito prazerosas para o sujeito. Afinal, a velhice pode tornar-se produtiva não só como exercício de um trabalho que tenha alguma remuneração, mesmo sendo imprescindível que o idoso tenha essa questão alcançada, mas também e de trabalho existem benefícios em um trabalho não remunerado, como a participação em grupos, cuidar dos netos, da casa, envolvimento em atividades voluntárias e de lazer que venham a refletir em um maior bem-estar para o idoso.

Ao longo da vida, vão sendo adotados papéis, através daquilo que nos provoca mais identificação, e renunciar ao que de certa forma dá lugar na vida ativa não é um processo fácil, pois o sujeito tem de reconstruir um sentido para suas ações no social, que pode advir da substituição de um trabalho anterior por outra atividade – remunerada ou não. Por vezes, as atividades que vêm em substituição

àquelas desempenhadas por uma vida inteira no social podem ter, na economia psíquica, mais satisfação do que anteriormente. Entretanto, a aposentadoria ainda encontra-se muito comumente associada à entrada do sujeito na velhice e à inatividade, o que não necessariamente deve ocorrer.

Pode-se dizer que a questão de como o sujeito consegue desenvolver habilidades depois de adulto tem sido pouco estudada. Conseqüentemente, não há muitas alternativas para a ampliação do potencial da pessoa adulta e idosa. Para muitos autores, representantes da psicologia desenvolvimentista, as capacidades de desenvolver habilidades depois da juventude remetem inexoravelmente a habilidades já desencadeadas na infância ou adolescência. Desta forma, o entendimento de que é necessário estimular a conhecer e buscar aprimorar habilidades ficou reservado aos primeiros anos de idade.

A política de incentivo à valorização dos idosos, através do Estatuto do Idoso (2003), artigo 22, estabelece que “Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria”. Trata-se de uma tentativa de minimizar, no contexto escolar, alguns efeitos negativos acarretados pela individualidade que sobreveio com o advento da modernidade, a fim de que a relação de valor saia apenas da esfera do capital e ganhe espaços no multiculturalismo, sob a forma de solidariedade.

Sabe-se, conforme afirma Beauvoir (1986), que a sociedade capitalista excluiu os idosos dos meios produtivos, voltando os seus interesses para que os jovens e adultos pudessem assumir um novo papel na esfera econômica para garantir a eficácia da produção. O sistema educacional e as formas de desenvolvimento a ele vinculadas têm, portanto, como prioridade, a educação e o desenvolvimento de crianças, jovens e adultos, que poderão, subseqüentemente, dar continuidade à vida produtiva.

A falta de projetos educacionais que deem visibilidade ao idoso pode permitir a conclusão de que o mesmo não tem valor para o sistema. A forma de exclusão do

sistema, muitas vezes sob forma de aposentadoria, coloca o sujeito frente a questões que não haviam se colocado até então: “como planejei minha velhice?”, “Quais as possibilidades que esta fase me oferece?”, “Afinal, estou velho?”.

Hoje é consenso admitir que chegar aos sessenta anos é sinônimo de tornar-se idoso, e o apelo social é de que possam os sujeitos ter um comportamento correspondente ao que se espera para essa idade. Represas (2006), ao falar sobre a possibilidade de planejar uma velhice saudável, salienta que a velhice não deveria ser considerada como uma época em que a pessoa se aproxima da morte, mas deve-se ampliar a ideia da velhice como fim e, mais, transcendê-la no sentido de enxergar o quanto essa pode representar mais uma fase da vida em que é possível desfrutar a existência com criatividade e, a seu modo, também produtividade.

Varella (2003) afirma que durante muito tempo preponderou a ideia de que na vida adulta só tornam a fazer questão ou reaparecer as capacidades já existentes, mergulhando, assim, a vida adulta em uma área de inatividade criativa. Entretanto, atualmente destaca-se a ideia de que o desenvolvimento ocorre durante toda a vida. Para a autora, há que se considerar que, na vida adulta e na velhice, há o desenvolvimento de algumas dimensões do ser humano no aspecto existencial, enquanto outros aspectos, efetivamente, podem declinar.

O desejo e a possibilidade de seguir sempre aprendendo são característicos da condição humana. Desta forma, a maneira como cada sujeito consegue vivenciar suas experiências e dar valor às atividades que realiza ao longo de sua vida dizem de uma especial singularidade: “A possibilidade de ser um eterno aprendiz e um sujeito atuante no mundo diz de como o sujeito administra a possibilidade de ir acrescentando aprendizagens aos anos vividos” (Varella, 2003, p. 74).

A velhice pode ser mais uma fase em que a educação e as aprendizagens tenham possibilidade de fazerem-se notáveis. Para tanto, a velhice tem de sair de certo isolamento sociocultural a que ainda é submetida e transcender significados correspondentes à ideia de sustento para as famílias. Até porque uma das realidades que vem sendo vivenciada em larga escala é de que os jovens

considerados aptos e até inseridos na esfera de novas aprendizagens e vida produtiva retornam a viver muitas vezes da aposentadoria dos mais velhos, em situações de necessidade ou até mesmo na oportunidade de complemento de renda familiar.

Levando em conta que a velhice é um processo biopsicossocial que veicula representações social e culturalmente condicionadas, mas também significações variáveis e particulares, sendo muito difícil encontrar uma velhice igual em dois sujeitos, a mesma constitui-se em um processo de aprendizagem ininterrupto. Aprendizagem essa que faz com que o desenvolvimento humano esteja sendo adaptado a novas possibilidades e elaborações.

As reflexões e produções teóricas sobre as possibilidades de aprendizagem e conhecimento das pessoas idosas sempre foram muito escassas. Sendo a velhice muitas vezes associada ao declínio das possibilidades cognitivas e corporais, não foram realizados muitos esforços no sentido de buscar uma permanência dessa população na esfera pensante e na vida produtiva. A realidade que muitos países apresentam quanto ao aumento do número de pessoas idosas em contraposição às diminuições da taxa de natalidade revela, porém, que em breve não haverá muitas possibilidades de manter-se apenas com a força jovem como meio produtivo.

As novas tecnologias permitem que muito trabalho possa ser realizado sem que haja necessariamente esforço físico e agilidade motora. Necessitam apenas de adaptações cognitivas às novas informações que têm de ser assimiladas, a fim de dominar a técnica e desempenhar a atividade. Neste sentido, algumas perdas sociais que acontecem na velhice não seriam empecilho às novas formas de trabalho, tornando assim o idoso capaz, dentro de suas limitações físicas, de desempenhar um papel no meio produtivo. É importante que sejam enfocadas as possibilidades dos idosos não só relacionadas à questão da idade, mas principalmente a outros elementos, como as conquistas obtidas ao passar dos anos, o conhecimento obtido no percurso e a valorização da vida.

Nas formas de reinserção do sujeito idoso à sociedade, a educação tem tido um papel central em relação a novos aprendizados, que ensinam não só técnicas e meios de se orientar frente às novidades, mas com isso educam para o viver e,



naturalmente, também para o envelhecer. Para M. Netto (2001, p. 55), a partir dos anos setenta iniciou-se um movimento diferente no cenário educacional que tinha como fundamento transcender a educação apenas voltada para a formação de profissionais. Assim, a ideia era de que a educação pudesse proporcionar uma formação do sujeito para a vida. A entrada de idosos em universidades e, principalmente, nos cursos de extensão, desde a década de setenta e a sua consolidação na década de noventa, representa um início no reconhecimento social das possibilidades dos idosos, bem como um reconhecimento próprio dos mesmos em relação a suas potencialidades e uma melhora significativa em relação à autoestima.

A vivência da aprendizagem dos idosos gera um rompimento com a ideia de que a educação seria apenas meio de reprodução do sistema capitalista formando profissionais, pessoas que possam estar aptas a produzir na esfera social, restaurando a ideia da formação para a emancipação do sujeito. Essa formação possibilitaria que o sujeito, independente de cor, idade, origem, pudesse se transformar, se adaptar ao ambiente em que vive e que exige constantes reformulações, informações e habilidades, sendo muitas destas adquiridas através da educação.

Para o sistema educacional, esse idoso, presente nos cursos, na educação de jovens e adultos e nas universidades, lança um desafio, pois exige um olhar diferenciado. As técnicas pedagógicas serão, necessariamente, diferentemente assimiladas, pois a percepção de um sujeito idoso, pelas muitas situações por que passou na vida, suas experiências e seus anseios, também será diferenciada. A universidade, a instituição de ensino, inclusive, transforma-se nesse movimento e passa a ter acesso a outras esferas da sociedade. O contato com as demandas da realidade motiva novas pesquisas no seio da produção científica. A interação do idoso com o sistema de ensino e os centros educacionais enriquece a gama de representações possíveis de serem veiculadas nesses espaços.

A necessidade e o direito de que qualquer sujeito possa sobreviver ao meio cultural onde vive e ter acesso ao conhecimento, para M. Netto (2001), estimula a ideia da educação permanente, inserida pela dimensão política de universalização à

cultura. Muitos centros de ensino estão sendo estimulados a adaptar-se estruturalmente para o ensino de pessoas idosas e facilitar alguns meios de entrada dessa população nas universidades, pois o idoso tem buscado, sobretudo, a possibilidade de crescimento pessoal e a possibilidade de agir e transformar o mundo no qual vive.

Entretanto, existem algumas questões que podem ser colocadas para o sujeito no que se refere às diferentes formas de aprender a e continuar se desenvolvendo. Em cada fase da vida, há uma especificidade em se tratando do que é possível ou não ao sujeito assimilar e incorporar à sua conduta, como, por exemplo, na infância, quando alguns aprendizados são limitados às capacidades neurofisiológicas. Desse modo, não há como o sujeito, por maior estímulo que receba, dar conta de algo que seu aparato motor e subjetivo ainda não tem condições de sustentar.

É perceptível, atualmente, a dificuldade que o sujeito 'envelhecete' encontra em responder facilmente às representações fálicas que organizam o social na atualidade. O sujeito, na velhice, expressa certa lentidão enquanto energia vital, com relação à velocidade com que tudo ocorre na modernidade. Bem como, nessas particularidades funcionais características da velhice, verifica-se uma dificuldade e, naturalmente, impossibilidade de responder aos ideais de imortalidade, beleza, agilidade, propostos pela contemporaneidade. Um dos ideais mais destacados e vigentes é o da produtividade, de modo que, para se manter ativo no sistema, requer-se a produção, posto que o que não produz é considerado inválido, portanto, sem valor aos olhos do outro, fator que contribui para uma posição ainda mais discriminatória da velhice.

Bobbio (1997) oferece uma reflexão valiosa a respeito de como o processo de envelhecimento em sua fase mais característica (que é a velhice) destaca-se, em todas as suas nuances, da velocidade com que as correntes de pensamento e ideias se alternam na atualidade, sendo que essa velocidade demandaria do velho algo que a lentidão de seus movimentos, corpo e mente têm dificuldade em atender. Essa especificidade da velhice é amparada pelo Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003), no artigo 26, que diz da profissionalização e do trabalho,

assegurando ao idoso o direito ao exercício de atividade profissional, respeitadas suas condições físicas, intelectuais e psíquicas. Mas, claramente, o campo de trabalho ainda é muito hesitante em abrir ressalvas para que o sujeito que envelhece possa contribuir com suas especificidades na produção.

Assim, segundo Bobbio (1997), o velho lidaria com essa angústia de não mais estar incluído em muitas redes do social, principalmente a do mercado de trabalho, buscando refúgio em hábitos e valores interiorizados durante sua vida. Ou seja, frente a certas hostilidades em termos de oferta de possibilidades no social, o sujeito enclausura-se em uma redoma de experiências adquiridas ao longo da vida, que lhe trouxeram ou não algumas satisfações, mas, ao menos em algum momento, lhe conferem um lugar digno no social, um nome, um ofício, uma situação dignificante.

As novidades tecnológicas, em geral, têm como alvo o público que está de, certa forma, inserido na vida produtiva. Mucida (2004) traz a discussão das perdas em termos de agilidades do corpo e da mente dos sujeitos à medida que envelhecem, em contraposição ao discurso capitalista. Para a autora, o discurso capitalista expressa a forma de pensar que predomina em nosso contexto e procura escamotear a castração, que é a falta constitutiva, presente em todos os discursos e projetos. Desta forma, o objeto incide diretamente sobre o sujeito, sem nenhuma barreira que o proteja. É a promessa da satisfação ao alcance de todos e de forma total. Dessa maneira, o sujeito não fica à mercê de nenhuma restrição que o impeça de obter alguma coisa. Essa força da alienação, para Mucida (2004), concentra-se no fato de que o sujeito seria livre e autônomo em suas escolhas, o que gera, principalmente para esse sujeito que está envelhecendo e lidando com a dificuldade de várias perdas (corporais e de referência) de laços com o social, uma ilusão de que poderá tamponar tais faltas ou reaver algumas perdas de modo que não necessite lidar com o caráter permanente de certas marcas, que se inscrevem para sempre.

A ilusão implícita no discurso capitalista que Mucida (2004) nomeia como saga do discurso capitalista torna difícil, para os sujeitos que envelhecem, a possibilidade de refletir sobre escolhas feitas ao longo da vida e suas consequências, que compõem a sua história. A velocidade exigida em nosso

contexto, estimulada pelo sistema capitalista, não permite ao sujeito essa pausa. Além disso, as tecnologias são rapidamente substituídas e elaboradas de forma mais complexa, causando um mal-estar para o sujeito que não consegue acompanhar tamanha velocidade.

Kachar (2003), pensando sobre a problemática da inclusão digital dos idosos, afirma que o não alfabetizado de amanhã é aquele que não souber circular no meio digital, por onde a maioria das operações deverá ocorrer. Evidencia também que, na aquisição e aplicação das tecnologias pelos idosos, estão presentes dificuldades relativas ao próprio processo de envelhecimento, como dificuldades motoras, auditivas e visuais, bem como algumas perdas cognitivas. Entretanto, segundo pesquisas desenvolvidas por esse autor, a gradativa perda na aquisição e recordação de fatos relacionados à memória é um dos fatores que mais causa problemas na inclusão digital dos idosos. As dificuldades, no entanto, não inviabilizariam a aprendizagem; apenas exigiriam alguns métodos de ensino elaborados especialmente para as especificidades de aprendizagens nessa idade.

A mesma memória, que ora se apresenta como dificuldade em função de algumas perdas cognitivas, também garante ao sujeito a possibilidade de sentir-se participante e vivo no social, pois se trata do aparato histórico vivencial do sujeito em questão, resguardando as situações vividas, bem como possibilitando identificações com novas possibilidades na prática do dia a dia. As experiências vividas não dizem respeito apenas a um “ontem”, mas comportam também um devir, possivelmente dotado das características de ganhos e perdas, próprios da condição humana. A memória serve como uma ponte de ligação entre as percepções do sujeito e o mundo, sendo sempre reativada por situações presentes e revelando como a questão cronológica desencadeia mudanças nos códigos de valores e representações.

Uma das maneiras de viabilizar um reencontro com o social por esse sujeito que envelhece, ou até mesmo a manutenção de um laço que não necessariamente deve ser desfeito com a aposentadoria, é a possibilidade de contínuo desenvolvimento pessoal. Certamente que as experiências que o sujeito adquire ao longo da vida, o aprendizado que se acrescenta aos anos, lhe conferem na velhice

um *status* de saber. O desenvolvimento, porém, requer que haja, na subjetividade do sujeito, uma brecha faltante que lhe mobilize a novas conquistas, desejo esse que é, para Varella (2003, p. 74), “de investir em si mesmo, criar oportunidades para seu crescimento e refletir sobre suas próprias escolhas”, pode já existir no sujeito ou, então, ser estimulado. Dessas ações citadas, a mais interessante seria a reflexão, pois ultrapassa a prática, o ato, e traz para o sujeito um profundo significado de vida.

Cada sujeito possui suas particularidades, seus gostos individuais. Isso se manifesta, na infância, na escolha de diferentes brincadeiras e amizades; na juventude, com as respectivas identificações ao escolher uma profissão, atividades extras, um companheiro e, naturalmente, não seria diferente na velhice. Mucida (2004) esclarece que algumas atividades oferecidas aos idosos, concebidas segundo a lógica capitalista e não em função dos traços particulares destes (na fabricação de objetos em série, por exemplo), podem trazer apenas um ganho instrumental, que não oferece alterações subjetivas relevantes para os sujeitos. Entretanto, a gama de opções de atividades que permitem identificações diversas é bem mais alargada na infância, adolescência e vida adulta. A busca por atividades que possam oferecer significado às pessoas que envelhecem parece poder, além de propiciar aprendizagem contínua, fazer surgir uma possibilidade terapêutica na luta contra desânimo e a depressão na velhice.

Nesse contexto, segundo Neri (1993), os sujeitos que envelhecem dependem cada vez mais do sistema de previdência social, políticas públicas de saúde e assistência social. O que revela uma falha no sentido de oferecer condições de autonomia para os sujeitos mais velhos. Reflexo também de uma má condução dos processos de juventude e vida adulta, mas que se destaca na velhice, pois não há um estímulo adequado para o desenvolvimento de habilidades e exercício de conhecimentos das pessoas idosas.

Neste movimento de falta de protagonismo em relação ao seu próprio envelhecimento, nota-se uma crescente demanda de educação, principalmente naqueles sujeitos que foram menos privilegiados. São numerosos os acréscimos trazidos pela continuidade na instrução e desenvolvimento pessoal das pessoas mais velhas. Os principais seriam as aprendizagens formais e informais no sentido

de manter a flexibilidade, a constante adaptação e, em geral, funcionabilidade dos sujeitos que envelhecem. Isso assegura, certamente, ganhos nos laços sociais e todas as formas de facilidades com as inovações tecnológicas e tendências em geral.

#### **4. PESQUISA DE CAMPO NO LAR DOS IDOSOS DE TRÊS DE MAIO**

A pesquisa de campo deu-se a partir de um desejo de conhecer a realidade regional do cuidado com os idosos na região do Grande Santa Rosa, em alguns dos municípios que a esse contexto correspondem. O estudo foca-se mais precisamente no município de Três de Maio, onde foi possível realizar a pesquisa de campo no Lar dos Idosos, como também na observância das situações que ocorrem na unidade pública do CREAS, localizado na secretaria da Assistência Social do município, onde dão-se a ver situações de violação de direitos, abandono, mas, fundamentalmente, representações da forma como o idoso é visto, considerado e, ainda, as ações que são disponibilizadas para a melhoria das condições dos mesmos.

Esse conhecimento empírico, fruto da pesquisa de campo e também do cotidiano de trabalho com idosos na prefeitura municipal, gerou uma melhor compreensão de como é a realidade dos idosos no município de Três de Maio, que registra a presença de muitos idosos de outras cidades, portanto também da realidade regional. Desta forma, foi possível articular ao conhecimento teórico representações de como estavam sendo, em primeiro lugar, representadas as necessidades dos idosos.

O entendimento das necessidades dos idosos por parte do social diz também da forma como a própria velhice é representada. As ações desenvolvidas para dar suporte ao público idoso são, em boa parte, reflexos do entendimento que se tem da importância ou, pelo contrário, da falta de prioridade relacionada a esse público. As instituições-referência relacionadas aos idosos são, principalmente, as unidades públicas de saúde, de assistência social e, certamente, o Lar dos Idosos.

Baseados na Lei nº 10.741, de outubro de 2003, que prevê benefícios à população idosa, as unidades públicas buscam cumprir o art. 3º, que assim preceitua:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, o direito à efetivação do direito a vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Nesta mesma lei, são contemplados com o atendimento preferencial e imediato junto aos órgãos públicos e privados de serviço à população, assim como o incentivo à criação de políticas públicas que lhes viabilizem mais projetos de atenção. Afinal, sabe-se que o incentivo legal para que sejam efetuadas medidas de atenção especial a suas necessidades e especificidades existe, mas, ao colocá-las em prática, cada município conta apenas com os recursos estruturais e culturais que possui. Na proposta de viabilização de formas alternativas de participação social, entretenimento e convívio de idosos com as demais gerações, porém, percebe-se a existência de lacunas quando na prática. Apesar dos esforços empreendidos para adequar-se às necessidades da população idosa, sabe-se que o ser humano tem muitas outras necessidades ainda não priorizadas: de cultura, de convivência, de outros espaços que lhe garantam a sensação de pertencer a esse contexto que vivencia, não apenas como espectador, mas participe na sua criação e organização.

#### **4.1. Sobre a Instituição Associação Tresmaiese de Amigos dos Idosos**

A pesquisa foi realizada no Lar dos Idosos de Três de Maio-RS. A instituição foi construída a fim de dar suporte ao crescimento do número de pessoas idosas na cidade e região. Em 22 de outubro de 1996, reuniu-se um grupo de pessoas da comunidade buscando, para as pessoas idosas, uma instituição que lhes oferecesse amparo e abrigo. A realidade do que já estava acontecendo impulsionou a ideia, posto que já havia seis pessoas idosas sob os cuidados de duas senhoras em uma casa da Rua Padre Cacique, n° 20, em Três de Maio.

Lançada a ideia, aconteceram várias reuniões e debates. O dia da primeira reunião foi dado como também sendo a data de fundação da instituição: 22 de outubro de 1996. No ato de fundação, fizeram-se presentes membros das igrejas católicas e luteranas de Três de Maio. A instituição foi batizada pelos idosos que já viviam lá como “Lar dos Idosos”. Seguiram-se aos trâmites legais a elaboração de



estatutos e regimento interno. Em abril de 1997, foi composta a primeira diretoria do Lar dos Idosos.

Em dezembro de 2000, a prefeitura cedeu um terreno próprio para o Lar dos idosos, com um terreno correspondente a 3.663,90 m<sup>2</sup> na rua Monsenhor Testani, com uma infraestrutura adaptada aos modos de internato, convivência e passagem pelos quais passam os idosos que vão para a instituição por um ou outro motivo. Além disso, o terreno também contava com os alicerces de um antigo projeto não concluído pela prefeitura, que puderam ser utilizados pela instituição. Em 2005, foi concluída a construção de um quiosque, a padaria e a lavanderia. Em 2008, o número de quartos foi ampliado e, também, foi construída uma capela comunitária.

Apesar de muitas dificuldades, o apoio de voluntários que auxiliam, tanto de modo financeiro, quanto com a animação às atividades dirigidas, vai gradativamente dando um suporte muito importante para o Lar e os idosos que ali passaram a viver. Atualmente a capacidade da instituição é de 25 leitos, que estão sendo ocupados por 23 idosos, 17 homens e 6 mulheres, provenientes de vários municípios da região: além de Três de Maio, Alegria, Boa Vista do Buricá, Independência, Horizontina e Maurício Cardoso. O quadro funcional conta com um enfermeiro, seis técnicos em enfermagem, cinco auxiliares de assistência social, um cozinheiro, um coordenador e um médico clínico geral, disponibilizado uma vez por semana pela Secretaria de Saúde, que atende na própria instituição.

#### **4.2. Metodologia utilizada**

Depois de um contato breve com a diretoria, foi possível conhecer melhor a instituição através do acompanhamento da enfermeira, que apresentou a infraestrutura do local. Foram realizadas três observações com os idosos. As primeiras pela parte da manhã, logo após o café, e uma à tarde. Logo após o café, os idosos se reuniam na sala de televisão e, assim, foi possível conhecê-los melhor, também a fim de selecionar alguns representantes para a realização da entrevista semiestruturada.

Nas intervenções realizadas foi possível ter acesso tanto à instituição quanto aos idosos. A associação Tresmaíense de Amigos dos Idosos foi muito receptiva, tanto para acolher, quanto para colaborar com quaisquer intervenções que fossem necessárias. Assim, abriu-se um espaço de circulação que permitiu, além de entrar em contato através das entrevistas, também observar a rotina de idosos e equipe de trabalho. Nas observações, surgiram ganhos secundários de uma intervenção participante, posto que a presença de outra pessoa no grupo sempre promove modificações, mas, ao mesmo tempo, a não interferência direta nas atividades permitiu que os hábitos, as formações de grupo e as linguagens corporais revelassem muito sobre o que não é dito. Já quanto ao que é dito, referente às entrevistas, as falas vêm ao encontro das teorizações tecidas sobre o envelhecimento no contexto atual.

Realizado um primeiro contato com a diretoria do Lar dos Idosos, foi possível conhecer a instituição, suas dependências, os profissionais e os idosos que estavam habitando a casa. Esse processo foi muito interessante, pois além de verificar a infraestrutura do local, observar a rotina é um modo de entender desde que posição os idosos agem, falam e, também, como são colocados pelo Outro.

Um momento que chama bastante a atenção são as refeições, pois muitos idosos necessitam de ajuda para alimentarem-se. Nesse momento, refletem-se algumas inscrições da velhice na corporeidade. As limitações de alguns sujeitos também estão relacionadas a muitos hábitos de vida. Alguns, com a idade nem tão avançada, mas, em função de algum derrame ou doença incapacitante, possuem danos mais comumente relacionados à área motora, gesticulando e movimentando-se com dificuldade. Outros idosos, com até mais idade, porém, apresentam uma independência maior em termos de cuidados.

Na observação, também foi possível perceber que as atividades realizadas por voluntários pela parte da manhã e da tarde conferem a possibilidade de lazer e, ao mesmo tempo, um aprendizado. Assim, muitos aprendem a pintar, bordar e até confeccionar alguns artesanatos. Também exercitam-se com o voluntário da área da educação física. É perceptível a sensação de prazer que emerge dos espaços criados nas oficinas.

Inicialmente, as atividades são recebidas com um pouco de desconfiança e, até mesmo, insegurança. Percebeu-se o receio de não saber fazer adequadamente, ou de não adaptar-se à tarefa. Posteriormente, essa insegurança vai sendo substituída pela satisfação de realizar a atividade e, muitas vezes, estar aprendendo algo novo. O culto ecumênico, realizado no quarto domingo do mês, é também um momento muito aguardado, já que muitos não têm como circular por um espaço diferenciado na sociedade e freqüentar, como de costume, alguma cerimônia religiosa.

Posteriormente, passou-se da observação para a realização das entrevistas, quando se destacou a possibilidade de o sujeito efetuar associações sobre as representações que dizem de seu processo de envelhecimento e, mais precisamente, sobre a fase da velhice. Os conteúdos que emergem fazem brotar as mais diversas expressões no rosto dos participantes, muitas vezes sorrisos, mas, por vezes, lágrimas.

A entrevista, por sua vez, foi composta de oito questões que contemplavam o significado velhice em suas possíveis variações no social: a velhice em relação às suas características, como estava sendo sentida, em relação ao contexto, ao social e à corporeidade.

#### ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA:

- 1) Identificações iniciais: nome e idade.
- 2) Conte um pouco sobre você e sua vida.
- 3) O que pensa acerca do envelhecimento?
- 4) Você percebe características do envelhecimento em sua vida? Se percebe, de que maneira?
- 5) Em que momento você passou a sentir essas características da velhice na sua vida?

- 6) A idade, em sua opinião, influencia nas relações que você estabelece no social? De que maneira você percebe a relação do sujeito que envelhece no social? Nas esferas corpórea, afetiva, econômica e relacional.
- 7) Há outro comentário que gostaria de realizar acerca do envelhecimento no contexto atual?
- 8) Como se sentiu durante a realização desta entrevista, acerca do assunto em questão, o envelhecimento?

As questões da entrevista permitiam ao sujeito associações que vinham como conteúdos a questões que não haviam sido feitas, mas que com certeza dizem da velhice também no que é singular a cada um. O tempo destinado às entrevistas, geralmente, chegavam a uma hora e meia de fala.

A aplicação das entrevistas foi realizada com cinco sujeitos escolhidos durante as observações e, também, como sugestão feita pelos próprios cuidadores do Lar. A escolha foi realizada em função de representarem municípios diferentes, oferecendo uma ideia do que se passa em nível regional sobre o envelhecer. A idade variou entre 60 e 85 anos, o que reflete momentos diferenciados no processo de envelhecimento. Também a escolha baseou-se no fato de alguns idosos discorrerem tranquilamente sobre fatos de vida, com maior lucidez.

### **4.3. Análise das intervenções**

Muitas impressões próprias, entendimentos sobre a vida e velhice foram comentados pelos idosos que participaram da entrevista, também como forma de organizar um olhar sobre essa fase da vida, as quais vêm ao encontro dos elementos teóricos presentes nos capítulos anteriores. As perguntas, em função de não estarem engessadas, ou seja, totalmente estruturadas, permitiam que os sujeitos pudessem discorrer sobre outros elementos não contidos explicitamente nas questões. Desta forma, muitas vezes o próprio seguimento discursivo de uma

pergunta já abrangia as possíveis respostas das próximas questões, e até outros pontos de vista presentes nas perguntas.

Algumas perguntas, certamente, provocaram mais efeitos, mais entusiasmo nas respostas; outras, porém, pareceram gerar resistência, não podiam ser expressas com o mesmo teor da pergunta, geravam reflexões que indiretamente davam a entender o quão difícil era refletir e, por extensão, falar sobre tais questões.

As perguntas 4 e 5 (Você percebe características do envelhecimento em sua vida? Se percebe, de que maneira? Em que momento você passou a sentir essas características da velhice na sua vida?) pareciam gerar um tempo maior de reflexão, de silêncio e, nas respostas, as falas não vinham diretamente ao encontro do que foi pedido, muitas vezes acompanhadas pela justificativa de que o idoso em questão não se sentia velho. As repostas pareciam vir como o olhar de um terceiro a respeito da questão, como se não fossem sujeitos de seu próprio processo de envelhecimento. Falar de velhice foi o que mais aconteceu durante as entrevistas, mas sob outras designações. A palavra velhice aparecia muito mais pelas comparações feitas com os companheiros de instituição, frequentemente mencionados, posto que um faz parte do convívio diário do outro.

Nas respostas, ao mencionar esse outro, colega de instituição, aparece certa resistência que se coloca entre seus pares. No surgimento da hostilidade em relação ao Outro, que vem denunciar a velhice que em processo acontece com o próprio sujeito, mas é negada, conformando uma situação que gera a necessidade de investigar os fatores que delimitam quando o sujeito passa a se considerar velho. Esse sentimento parece ser percebido e vivenciado, primeiro, em um exercício com o semelhante. A velhice, conforme Beauvoir (1986), seria sempre apresentada através de outro, através de sinais e falas que o outro vem denunciar.

Já na instituição, a fala dos idosos acerca de sua própria velhice denota a frequente comparação das características de um idoso para outro, buscando, ao comparar-se, estar em uma situação mais confortável, menos desgastada, negando evidentemente a fase como algo natural e passível de ser mais um momento, talvez, e por que não, até feliz de suas vidas. A comparação torna-se muitas vezes um

exercício defensivo contra a angústia, mas não a exime, pois uma falta sempre será desvelada.

Há velhos e velhos, diversos níveis, diversas idades. Eles se observam mutuamente, comparam suas datas de nascimento, sua capacidade de autonomia física, espreitam os encolhimentos, medem sua esperança de vida por comparação. Eles se tranqüilizam: tenho cinco anos a mais, porém pareço ter dez anos a menos. Ou, ao contrário, eles se inquietam: ele tem dez anos a mais, mas parece estar mais em forma do que eu (Olievenstein, 2001, p. 12).

Assim, o idoso que se apresenta frente ao grupo com mais limitações isola-se e é isolado do grupo que consegue partilhar de mais representações. Parecem buscar outros significados que não se lhes defronte tão diretamente com a realidade de alguns desgastes em nível corpóreo ou de distúrbio mental. O momento na “sala de televisão” revela-se como um espaço de possíveis diálogos e conhecimento do outro. Algumas histórias de vida vêm à tona, geralmente quando chega um idoso mais animado no grupo e provoca tal interlocução. Muitos, porém, mantêm-se calados e isolados. Destaca-se, em várias atitudes grupais, uma negação do envelhecimento, que aparece de certa forma adiando a consciência de si como velho, bem como a reflexão de um possível fim inexorável que possa emergir.

Para Mucida (2004, p. 30), “o sentimento da velhice seria o cerne da questão, e não a velhice em si mesma”. Assim, o tempo de “nascimento da velhice”, da aceitação da ideia de ser e estar velho, é também, na opinião de Olivenstein, um longo caminho, retardado por muitos artifícios. O autor também assegura que o sentimento, a sensação de estar velho, surge, a princípio, pelo olhar. Esse olhar seria “de nós aos outros, dos outros a nós, e de nós a nós mesmos” (2001, p. 17) somente com a junção perceptiva destes três pontos de vista, ou ao menos dois dos três convergissem, o sujeito passaria a crer em seu próprio envelhecimento.

Deste modo, pode-se perceber que a posição psíquica dos sujeitos impede um julgamento baseado apenas na idade cronológica, ou até mesmo na realidade do contexto, dado que todos vivem no Lar dos Idosos. Esse pensamento revela um tempo subjetivo, que se impõe ao cronológico, e tal julgamento pode ser alterado ou não para os sujeitos, de acordo com sua percepção psíquica. Conforme Freud (1976) falando acerca do inconsciente, essa posição psíquica refere-se à forma

própria de cada sujeito realizar negociações próprias e singulares, possíveis de serem estabelecidas entre as representações de vida e de morte.

Trata-se de uma forma única de visualizar e sentir-se em relação às situações, fundada inicialmente na infância, quando as primeiras marcas psíquicas puderam inscrever-se no sujeito. Entretanto, essa constituição psíquica que acontece de forma mais estrutural na infância, na forma singular e única de cada sujeito ser e sentir, sofre mais tarde efeitos de outras situações durante a vida. Essas situações oferecem ressignificações a essas primeiras características presentes no sujeito. Essa forma especial de metabolização de representações é que garante uma posição psíquica, ou seja, uma forma particular de vivenciar e perceber-se nas situações.

Na pergunta que pedia para o sujeito contar um pouco da sua história, as memórias infantis pareciam vir à tona, muito investidas de emoção e saudosismo, quando ainda sob o cuidado dos pais ou adultos. Assemelhando-se à fala de uma criança ao remeter-se aos cuidados, falou-se sobre as normas estabelecidas dentro do núcleo familiar, as regras, os relacionamentos e até mesmo das brincadeiras que eram feitas na sua época.

Nos entrevistados de diferentes idades, a emoção que surgiu das memórias relatadas, independente do tempo de vida, infância, juventude ou vida adulta, varia conforme parece ser a intensidade emocional associada a experiência das situações relatadas. Freud (1976) em *O inconsciente*, quando fala a respeito do inconsciente, explica como alguns fatos se mantêm eternizados na memória ligado investimentos inconscientes, quando boa parte dos eventos é esquecida. Para Freud (1976, p. 214), “os processos inconscientes são atemporais, não se alteram com a passagem do tempo”. Alguns acontecimentos ficam então retidos no inconsciente de maneira mais investida, ou seja, mais dotada de caquexia energética do que outros. Alguns são acessados através da memória consciente, de outros por sua vez só é possível ter acesso a alguns efeitos. Dão se a ver na posição discursiva, nos atos, escolhas e também no corpo.

Desta forma, a subjetividade se estrutura também baseada nessas vivências que ficaram, por sua vez, inscritas de forma privilegiada na mente, sendo que algo aí ainda busca alguma forma de satisfação, pois continua sendo um fator importante, estruturalmente, para o sujeito, permanecendo atuante em seu universo simbólico.

Uma entrevistada, antes do início das perguntas, olhava fixamente para um ponto da instituição à espera do esposo que viria, segundo ela, a qualquer momento, buscá-la. Geralmente, ao se expressar, relatava, em meio a um discurso razoavelmente claro, algumas expressões que certamente não condiziam com a realidade da situação, parecendo ter nitidamente momentos de fixação em algum ponto de sua vida. Esses momentos se referiam a tarefas desempenhadas na infância (fabricação de melado, o trato com os animais, etc.). Em outros momentos, parecia esperar por alguém que, naquele momento, acreditava que viria. Certamente as situações pelas quais os idosos passam diferenciam-se, muitas vezes, em relação ao contexto em que foram criados, à vida que levaram e à forma própria organizada para lidar com a existência.

Na pesquisa, buscou-se trabalhar com idades relativamente espaçadas, no sentido de buscar diferentes níveis de vivências e concepções para a questão do envelhecimento. Apesar de ser muito singular esse “sentimento de velhice”, perceberam-se diferenças nos relatos de pessoas com mais décadas para aquelas que recentemente estariam cronologicamente adentrando na velhice. Também a forma discursiva do idoso na instituição difere da forma discursiva dos idosos comumente atendidos pelo CREAS. Os idosos institucionalizados parecem não se entusiasmar facilmente para o diálogo, as queixas referentes à solidão e ao abandono de alguns familiares é muito frequente. Também se presentifica uma inquietação por terem de se submeter às regras institucionais e, inevitavelmente, conviver com outros “velhos”, expressão esta comumente utilizada pelos próprios idosos da instituição.

A fluência verbal dos idosos atendidos no âmbito do CREAS, pela Assistência Social do município de Três de Maio, diferencia-se. Geralmente os idosos, quando na oportunidade das visitas, são muito ativos e se posicionam mediante as situações de entrevista com a família e cuidadores, quando os possuem. Os casos geralmente



são encaminhados em função de uma denúncia ou queixa de maus tratos e/ou negligência. Conforme explicita Minayo (2004), são muitos os casos de violência cometidos contra pessoas idosas, por diversas razões e em diversos níveis. A violência interpessoal destaca-se no âmbito familiar. Por vezes, é praticada por filhos, netos, e até cuidadores, contratados e, muitas vezes, treinados para desempenhar essa função. Mas o idoso que não está institucionalizado parece sentir-se com maior liberdade de comunicação. Em particular ou cercado de seus familiares, parece reivindicar com mais assiduidade seus direitos, reclama por melhor tratamento e, muitas vezes, oferece sugestões para novas intervenções.

Esse tipo de participação da população idosa é favorável em qualquer ambiente que o idoso se encontre e participe, pois dá conta de expressar as reais necessidades de melhorias nas intervenções, atendimentos e relações que se estabelecem com a família e a sociedade. No Lar dos Idosos, apesar de menor fluência verbal durante as entrevistas, bem como constatado nas observações, alguns discursos foram notáveis no entendimento das diferentes situações dos idosos que ali se encontravam, destacando-se, dentre outros elementos, além da negação, o estranhamento da própria velhice.

O sentimento de velhice não apareceu como algo familiar enquanto proposta de reflexão para os idosos. A vivência da velhice se dá no cotidiano, nos dias que se passam, nas inúmeras situações experimentadas em vida. A relação de experiência com o velho corpo e suas peculiaridades é vivida pelo idoso, mas, na maior parte das narrativas referentes às perguntas, essa vivência não é acompanhada de uma reflexão que permita uma identificação com a condição de estar velho. Assim, muitas vezes não há intimidade, cumplicidade com a experiência da velhice, ela causa ao próprio sujeito um estranhamento.

O caráter de estranho que a velhice causa é entendida, por Mucida (2004), como um empecilho à possibilidade de o idoso usufruir das características positivas relacionadas a essa fase, pela suposta proximidade com morte e falta de um reconhecimento mais dignificante de características gerais atribuídas à velhice. A falta desse reconhecimento está muito ligada ao cenário cultural, pois reflete os

imperativos de beleza, perfeição corpórea, agilidade física e mental e de negação da temporalidade, que compõem algumas das características do contexto atual.

A realidade observada na pesquisa é a de que muitos idosos chegam à velhice totalmente despreparados para esse momento e acabam por sofrer algumas consequências da falta de intimidade com essa nova fase, evitada ao longo da vida. Se, no decorrer dos anos, a velhice pudesse ser pensada e culturalmente entendida como um acontecimento natural, talvez os sujeitos pudessem organizar algo a esse respeito e planejassem algumas ações no sentido de prevenir algumas lacunas que, de fato, chegam a se manifestar nessa época. Represas (2006) afirma que a preocupação com a saúde física e mental, o planejamento de atividades, ao longo da vida, para esse momento faria toda a diferença, implicaria em qualidade de vida para o idoso e, assim, culminaria em maior capacidade funcional.

A capacidade funcional, segundo Ramos (2003), é considerada um novo conceito na área da saúde, que busca compreender a vivência dos idosos em uma dimensão perspectiva multidimensional. Levando em conta a saúde física, social, mental e financeira, essa análise tem como objetivo verificar as condições de autonomia do sujeito. Em relação a isso, a pesquisa de campo pode revelar que, em nossa realidade regional, muitos idosos não conseguem ter de fato uma autonomia em seu dia a dia. A dependência é muito maior do que os índices de autonomia, numa relação que pode ser observada também em idosos de diferentes idades.

Uma pessoa do sexo feminino, de 85 anos, cadeirante, falava alegremente a respeito de sua estada no lar, da alegria em ainda obter contato com os filhos e dos projetos realizados durante sua vida. Agora, segundo ela, o que lhe dava prazer era o bem-estar dos filhos e netos. As realizações desses seriam suas próprias realizações. Apesar da desventura da doença, a autonomia psicológica dessa senhora faz com que usufrua de qualidade de vida. Participa das oficinas, oferece sua amizade no convívio institucional e, sobretudo, realiza sua posição de sujeito desejante no presente, articulada a um futuro que, na vivência das gerações posteriores, percebe e alegra-se com a sua contribuição ali presente.

Já outra senhora, com 59 anos, parecia um tanto amargurada. Há poucos meses tinha sofrido um derrame, mas no momento da entrevista já estava bem melhor, falava e expressava-se bem. Como o marido e o filho não conseguiriam dar-lhe o suporte necessário em termos de cuidados, passou a viver no Lar dos Idosos. Referia-se com tristeza e saudade ao tempo em que estava trabalhando, quando possuía independência financeira. Dizia sentir-se mal com os demais idosos com quem convivia. Não suportava perceber neles as dificuldades de falar e alimentar-se. Sentia uma resistência muito grande à velhice denunciada nos outros. Esse mal-estar sentia consigo mesma, pois não estava elaborando bem o envelhecimento. Seu corpo, novamente, já lhe assegurava autonomia, poderia locomover-se, realizar os movimentos que bem desejasse, mas sua mente não lhe oferecia as mesmas possibilidades.

A autonomia financeira confunde-se muito com a permanência ou não no mercado de trabalho, com as questões de aposentadoria e rendas adicionais de outras formas de trabalho. As relações associativas sobre as atividades outrora exercidas no social são sempre muito presentes em diversas narrativas. Compõem a identidade do sujeito, no *eu* que ele foi e ainda é, pois o lugar ocupado no social, bem como as atividades profissionais, faz parte da estrutura consciente do sujeito, de seu eu. Muitas vezes, fala-se com saudosismo e até mesmo amargura sobre um tempo em que se fazia parte do mundo do trabalho.

Um dos entrevistados, quando perguntado sobre quem era e instigado a falar um pouco de sua vida, iniciou um longo relato sobre a infância, a família, os irmãos e, finalmente, pôde falar o quanto ainda possuía uma vida fora da Instituição. Estava ali apenas porque havia combinado com o irmão e porque, de fato, era um lugar bem agradável. Fizera amizades, identificava-se com as atividades e até mesmo vez ou outra articulava uma avaliação do grupo do qual fazia parte, mas colocava-se discursivamente como observador. Uma das afirmações feitas por esse senhor é de que gostava muito, vez ou outra, de verificar a situação de seus caminhões. Havia pessoas que não estavam preparadas para trabalhar naquele negócio! Mas ele, sim, tinha um entendimento e uma vida baseada nessa atividade.

Soube-se, mais tarde, que ele de fato havia tido um contato muito grande com caminhões ao longo da vida. Entretanto, depois de algum tempo, cessou com as atividades neste negócio e passou a residir com um dos irmãos, que, devido a outras atividades e também ao próprio núcleo familiar, achou complicado continuar cuidando dele, encontrando no Lar dos Idosos uma opção. As saídas são todas reguladas por horários, sendo que desse modo não seria possível sair para cuidar dos negócios na hora em que bem entendesse. Esse fato nos chama a atenção para a importância que a relação com o mundo dos negócios e o fazer em si representam para a maioria das pessoas. O interesse e o desejo ficam retidos nas experiências relacionadas ao mundo do trabalho que conferiam ao sujeito, através daquele fazer, um lugar, um espaço no mundo.

Conforme Manonni (1995), em função, justamente, do trabalho e das relações estabelecidas com esse no meio social, ter de renunciar a essas atividades causa uma ruptura difícil de ser simbolizada pelo sujeito. A aposentadoria, que vem como uma possível saída para que o idoso possa se ver diante da possibilidade de explorar novos horizontes ou retomar antigos projetos, não é simbolizada por essa via, sendo vista, muitas vezes, como um fim inexorável, sem possibilidades de substituições por outras formas de atividades.

No Lar, é possível ter acesso a oficinas, que mobilizam um pouco a questão instrumental. O fazer em questão pode ser movimentado; entretanto, a qualidade da atividade, por vezes, é caracterizada culturalmente por ser mais assemelhada ao caráter feminino, sem significativo *status* social ou remuneração. Há um estranhamento por não mais fazer parte da vida produtiva e, o que é pior, por vezes, pela percepção de ter sido jogado para fora dela.

Varella (2003), ao referir-se ao desenvolvimento pessoal, que deveria ser ininterrupto na vida dos sujeitos, faz pensar em situações nas quais os idosos não buscam acesso às atividades e possibilidades para que possam, eventualmente, dar vazão a potenciais e proporcionar, inclusive, relações prazerosas das quais possam resultar fortalecimento e crescimento pessoal. Muitos desses idosos institucionalizados gostariam de realizar alguma atividade externa ou frequentar outros meios que lhes pudesse acrescentar. Entretanto, quando indagados sobre o

que sugeriam ou pensavam como uma opção, não conseguiam visualizar esse desejo de fato acontecendo. Talvez por características pessoais que, de alguma forma, já estariam buscando uma tranquilidade maior, correspondente à ideia de aposentar-se. Por outro lado, talvez pela falta de visualização de opções mais enriquecidas a que pudessem remeter-se.

Tanto nas entrevistas, quanto na forma própria de referência às questões relativas à autoridade, os idosos expressam certa confusão ao perceberem o tratamento que muitas vezes era ministrado aos avós e pais na velhice deles, em relação ao aparente apagamento das diferenças representadas entre pais, filhos e pessoas mais velhas. Notadamente, até as crianças não entendem, por vezes, a existência de diferenças entre os limites da vida adulta e da infância, sendo muitas vezes as crianças tratadas como pequenos adultos. Esse tratamento “privilegiado” diz tanto do excesso de regalias e acessos a espaços que poderiam antecipar e tornar precoce o crescimento, como também se refere ao excesso de responsabilidades de um “vir a ser”, ideal ao qual as crianças se veem, desde seu nascimento, compelidas a responder.

Emilio<sup>2</sup>, 78 anos, entrevistado na pesquisa, revela, por exemplo, que, no seu tempo, era muito comum o aconselhamento com as pessoas mais velhas da comunidade e da própria família. O natural era crescer gradativamente e ir aprendendo os segredos da vida na medida em que as experiências iam sendo assimiladas. Os mais velhos tinham papel fundamental nisso, pois ofereciam um olhar diferenciado sobre as situações: era a experiência a maior fonte de aprendizagem; logo, quanto mais longo, mais segura a fonte do ensinamento.

Às vezes acontecem situações que familiarizam jovens de uma família com a ideia de velhice predominante no contexto regional, que se refere à velhice como um momento de “sossegar”, de acalmar o turbilhão de atividades geralmente ligadas à juventude e à vida adulta e entrar em certo repouso físico e psíquico. Muitos filhos passam pela experiência de cuidar dos pais, sogros ou familiares idosos. Esse cuidado, em muitos casos, pode adentrar até à velhice do próprio cuidador, que,

---

<sup>2</sup> Nome fictício.

estando em uma situação de responsabilidade, hesita em ou desiste de dar continuidade a muitas atividades próprias para dedicar-se ao outro idoso.

Em outro momento da pesquisa de campo, uma senhora de 60 anos de idade, acompanhando a mãe de 92 anos, relata, na entrevista, por diversas vezes, a falta de tempo para assuntos seus e o estancamento de projetos desde que a ela coube o cuidado da mãe, residente no asilo. A mãe de Lurdes sofreu um derrame e, então, a filha, também entrando na velhice, na época com 50 anos, assumiu os cuidados. Lurdes tem mais irmãos, mas não recebe ajuda nos cuidados da mãe. Ela afirma que demorou um pouco para que realmente pudesse se autorizar e diminuir o nível de culpabilidade ao falar do quanto a sua vida e seus projetos estavam estagnados; em consequência disso, o choro vem fácil, assim como notavelmente os sintomas de depressão.

Ao retornar para a residência onde mora sozinha e anteriormente residia com a mãe, pude encaminhá-la ao serviço do Município, designado para o atendimento desse público. A ideia era inseri-la em um grupo de idosos para que pudesse socializar-se, melhorando assim alguns aspectos da depressão. Entretanto, a participação de Lurdes em algumas oficinas, como a de artesanato, por exemplo, foi o que realmente lhe conferiu mais prazer e engajamento. As características de sua personalidade propiciaram dedicação e certo comprometimento, permitindo o desenvolvimento de algumas habilidades que não julgava possuir.

Muitos idosos realmente veem suas vidas passando e não conseguem assumir um papel social que lhes permita vivenciar prazer de forma construtiva. Muitas vezes sequer sabem das opções disponibilizadas pelas unidades públicas ou privadas voltadas a esse público. Alguns idosos desfrutam de vantagens que a lei lhes assegura, como prioridade no atendimento e algumas condições especiais, mas essa visão é parte de uma minoria, estando ainda muito relacionada à cultura que sobredetermina as relações do social e projetam, na velhice, um momento de repouso, de cessação de construções, de estagnação, não percebendo o potencial criativo presente nesta fase.

A pesquisa de campo revelou-se fundamental para o entendimento da realidade do município e região em relação aos cuidados que estão sendo tomados em relação aos sujeitos que envelhecem. A institucionalização aparece, na maior parte das narrativas, como uma alternativa aceitável de vida, frente ao entendimento de que filhos ou netos necessitam trabalhar, e muitas vezes não têm como oferecer os cuidados considerados necessários para a maior parte dos casos. As possibilidades de convivência com pessoas da mesma idade é também citada, em muitos casos, como uma experiência diferenciada. As proximidades não são estabelecidas de imediato, as vivências, em sua maior parte, são bem individuais, o isolamento é bem frequente. Entretanto, atividades, como festas, oficinas e outras formas de entretenimento, permitem ao idoso sair de sua reclusão e relacionar-se mais com os companheiros de instituição. Desta proximidade parecem resultar experiências satisfatórias de convivência na instituição.

Apesar da percepção, por parte das políticas públicas e da sociedade em geral, do crescimento cada vez maior do número de pessoas idosas e alguns esforços estarem sendo empreendidos neste sentido, ainda são escassas as possibilidades, para os idosos da região da grande Santa Rosa, em termos educacionais, culturais, e também em relação à vazão do potencial criativo presente em todos os sujeitos. As possibilidades de convivência parecem ainda muito focadas apenas a “bailinhos” e centros de reabilitação (ou instituições relacionadas à saúde) onde esses idosos muitas vezes se encontram. Apenas uma minoria de fato consegue manter-se ativa nas teias que compõem o social, de modo a exercerem sua voz de sujeitos atuantes na sociedade. Em parte, essas possibilidades não são mais acessadas pelos próprios sujeitos que envelhecem, pois culturalmente ainda não conseguem visualizar maior autonomia funcional.

## CONCLUSÃO

A conclusão deste trabalho implica realizar um balanço das experiências empíricas com as contribuições teóricas articuladas nos capítulos. Pode-se perceber que o crescimento do número de pessoas idosas em todo o mundo é um processo que está sendo percebido e vem provocando interesses. Entretanto, as medidas adotadas para dar suporte a esta nova demanda dependem das representações associadas à velhice no contexto atual. Essa percepção e as ações desenvolvidas para esse fim estão associadas ao contexto em que se vive. Correspondem à cultura, a possibilidades estruturais e, certamente, às reivindicações do próprio idoso que está envolvido neste cenário.

Neste sentido, foi possível analisar o conceito que a velhice tem na atualidade. Os anseios que suscita, as possibilidades que permite vislumbrar e o próprio processo subjetivo de perdas e ganhos oriundos desse percurso. Trabalhou-se a ideia de que a velhice é mais uma fase constante do processo de envelhecimento e inicia-se já no útero, antes mesmo do nascimento. Também se ressaltou que o desenvolvimento, as aprendizagens e as possibilidades afetivas estão em constante evolução, dependendo das características singulares de cada sujeito. Esse processo implicará uma velhice mais ou menos saudável, dentro do que foi possível a cada um vivenciar e, de certo modo, aprender e aceitar na condição de sujeito faltante, reconhecendo que algo da ordem de uma falta sempre se inscreve.

Na pesquisa, foi percebida uma escassez de investimentos relacionados à estrutura que o social tem a oferecer para o público idoso em termos de entretenimento, educação e oportunidades. Assim, apesar de esforços já observados neste sentido pelas políticas públicas, verifica-se ainda a necessidade de ampliação das possibilidades de trocas sociais mais ricas para quem envelhece, proporcionando um ganho mútuo, tanto para o idoso, quanto para a própria comunidade, que se enriquece com seu legado experiencial e lições de vida. A necessidade de interação, principalmente dos idosos que se encontram



institucionalizados, quando atendida, favorece-lhes a redução de aspectos associados à melancolia e à gratificação emocional.

Essa vivência própria em relação à velhice, como vimos, sofre um influência decisiva das representações do social, pois a cultura na qual se está inserido irá sobredeterminar fatores de qualidade de vida para o sujeito que envelhece, ou, ao contrário, fatores que acarretem sofrimento psíquico. Esse sofrimento é vivenciado pelos idosos na não aceitação do próprio envelhecimento, na exclusão familiar e na participação em atividades sociais que deem conta e valorizem o que esse público tem a oferecer, para além da produtividade, que impulsiona a maioria das ações no social.

As possibilidades de uma velhice bem-sucedida dependem de uma familiaridade que o sujeito pode ir construindo com a ideia de envelhecer desde jovem, e assim organizar-se para esse momento, de modo a torná-lo apenas mais uma fase de sua vida. Essa familiarização necessita de um exercício de reflexão, por parte do sujeito, das características positivas que a velhice pode oferecer, tendo o sujeito também um respaldo cultural dessa percepção. Desta forma, em relação à hipótese inicial, a velhice pode, certamente, representar um momento valioso para a vida dos sujeitos, mas, para isso, há necessidade de uma mudança cultural que viabilize essa aceitação, bem como oportunidades de manutenção de atividades e construções no social.

Pode-se concluir, mediante a análise das explicações dos idosos entrevistados, que, no contexto atual, a cultura da eterna juventude aparece muito fortalecida, associada a um tempo lógico que rege o psiquismo, fortalecendo a ilusão de atemporalidade. Entretanto, para além da posição psíquica, que permite, a cada um, sentir-se ou não velho à sua maneira, existem fatores de uma realidade orgânica que se inscreve incessantemente, como as questões biológicas próprias do envelhecimento, algumas perdas de papel nas relações sociais e a crise de algumas construções derivadas de um percurso de vida. Quanto à afirmação da hipótese introdutória de que a velhice é, muitas vezes, hostilizada, em contrapartida, pode-se dizer que, quando aceita e apoiada pelo social, pode também representar um momento muito significativo da vida dos sujeitos.

As adaptações a esta fase, denominada velhice, que o sujeito tem de confrontar e viabilizar podem ou não ser feitas ao longo da vida, garantindo que esse sujeito que envelhece possa resgatar alguns projetos de vida, ou aprender novas formas de satisfação, mediante a desconstrução de antigas concepções, e até mesmo do aperfeiçoamento de significações de vida, valores, crenças e papéis alimentados ao longo de um percurso. Cabe ao social também não omitir-se da responsabilidade de criar meios para garantir não apenas a sobrevivência material, como a sobrevivência de um desejo, de ser e vir a ser, que move o ser humano e encontra possibilidades de reinventar-se a cada momento de vida do sujeito.

## REFERÊNCIAS

- ACURI, I. **Memória corporal** - o simbolismo do corpo na trajetória da vida. São Paulo: Vetor, 2004.
- ARIÉS, P. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franca Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BIRMAM, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- BOBBIO, N. **O tempo da memória**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. **Lei nº 8.842**, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.pbh.gov.br/leisdeidosos/politicafederat.html>>. Acesso em: 20 jan. 2010.
- \_\_\_\_\_. **Lei nº 10.741**, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/2003/L10.741.htm>>. Acesso em: 20 out. 2009.
- BRETON, D. O fim do corpo. **JB**, 17 mar. 2001. Caderno Idéias.
- CASTELLS, M. O limiar do eterno: tempo intemporal. In: CASTELLS, M. (Org.). **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DOLTO, F. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- ECKERT, C. A vida em outro ritmo. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. P. 169-205.
- FLACH, F. **Resiliência: a arte de ser flexível**. Traduzido por Wladir D. São Paulo: Saraiva, 1991.

FREUD, S. (1905). **Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. V. VII.

\_\_\_\_\_. (1915). **As pulsões e suas vicissitudes**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. V. XIV.

\_\_\_\_\_. (1915). **O inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. V. XIV.

\_\_\_\_\_. (1917). **Luto e melancolia**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. V. XIV.

\_\_\_\_\_. (1920). **Além do princípio do prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. V. XVIII.

\_\_\_\_\_. (1930). **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. V. XXI.

JERUSALINSKI, Alfredo. Psicologia do envelhecimento. **Correio da APPOA**. Porto Alegre, n. 42, dezembro 1996.

KACHAR, V. **Terceira idade & informática**: aprender revelando potencialidades. São Paulo: Cortez, 2003.

LOPES, A. **Os desafios da gerontologia no Brasil**. Campinas: Alínea, 2000.

MANNONI, M. **O nomeável e o inominável**: a última palavra da vida. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

MATSUDO, S. M. **Avaliação do idoso**: física e funcional. Londrina: Midiograf, 2000.

MESSY, J. **A pessoa idosa não existe**. São Paulo: Aleph, 1999.

MINAYO, M. **Violência contra idosos**: o avesso de respeito à experiência e à sabedoria. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

M. NETTO, P. **Gerontologia**. São Paulo: Ateneu, 2001.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NERI, A. L.; CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Orgs.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, 1999. P. 113-140.

NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas: Papirus, 1993.

OLIEVENSTEIN, O. **O nascimento da velhice**. São Paulo: EDUSC, 2001.

OKUMA, S. S. **O idoso e a atividade física**. Campinas: Papirus, 1998.

RAMOS, L.R. **Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano**: Projeto Epidoso. São Paulo: Cadernos de Saúde Pública 2003. P. 793-8.

REPRESAS, J. **As 7 biorotas para a saúde, o bem-estar e a longevidade**. São Paulo: Globo, 2006.

SHAFER, D. **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.

SHALOMI, Z. S. **Mais velhos e mais sábios**. Tradução de Sieni M. C. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

SKINNER, B. F.; VAUGHAN, M. E. **Viva bem a velhice: aprendendo a programar a sua vida**. São Paulo: Sumus, 1985.

VARELLA, A. **Envelhecer com desenvolvimento pessoal**. São Paulo: Escuta, 2003.

VIEIRA, E. B. **Manual de gerontologia**. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

WINNICOT, D. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

